



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANA CAROLINE BATISTA CALU

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO**

**SUMÉ – PB
2025**

ANA CAROLINE BATISTA CALU

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do Centro
de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos

**SUMÉ-PB
2025**



C166p Calu, Ana Caroline Batista.

A representação das mulheres nos livros didáticos
Sociologia do Ensino Médio. / Ana Caroline Batista
Calu. - 2025.

50 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Sociologia - Ensino Médio. 2. Livros didáticos de sociologia. 3. Mulheres - representação. 4. Gênero. 5. Representações. 6. Equidade de gênero. I. Santos, Valdonilson Barbosa. II Título.

CDU: 316:37(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ANA CAROLINE BATISTA CALU

**A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE
SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do Centro
de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

**Profa. Dra. Kátia Ramos Silva
Examinadora 01 - UACIS/CDSA/UFCG**

**Prof. Dr. José Marciano Monteiro
Examinador 02 - UACIS/CDSA/UFCG**

**Profa. Ma. Carla Mailde Feitosa Santa Cruz
Examinadora 03 - UATEC/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em 15 de maio de 2025.

**SUMÉ – PB
2025**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida e por ter me enviado anjos preciosos que me apoiaram ao longo dessa jornada. Sou grata pela força concedida e pela restauração da minha saúde, que possibilitou a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, Graciana Batista e José Calú, à minha avó Dos Anjos, ao meu esposo Matthews Germano, ao meu irmão José, às minhas tias Graciene e Graciete, aos meus primos Raimundo e Grazi, à minha madrastra e padrasto, Edivania e Iran, aos meus padrinhos Ubiratan (Tota) e Edizia, aos meus tios Lazaro e Heleno (Bobô) e a toda minha família, meu agradecimento pelo amor incondicional e pelo incessante apoio e incentivo. Ao meu avô Raimundo (in memoriam) por todos os ensinamentos que me proporcionou em vida.

Agradeço à minha amiga Virgínia Vasconcelos pelo apoio constante durante essa trajetória e aos meus colegas de curso, que levo com carinho no coração. Um agradecimento especial ao meu orientador, Valdonilson Santos, por sua contribuição, solidariedade e dedicação, sempre preocupado comigo durante o meu período de enfermidade. Agradeço também à professora Lena, que, junto com o orientador, foi uma grande motivadora em momentos críticos.

Minha gratidão à banca examinadora e aos meus colegas de trabalho pela compreensão e constante motivação.

Por fim, agradeço a mim mesmo por não ter desistido e por ter perseverado até o final. Este trabalho é fruto de muita determinação e do desejo ardente de vencer, assim como do esforço coletivo e da colaboração de todos vocês. A todos, que contribuíram para meu crescimento durante toda jornada, o meu sincero muito obrigado!

RESUMO

A representação das mulheres nos livros didáticos de Sociologia é uma questão de grande importância, uma vez que essas publicações desempenham um papel fundamental na formação das percepções dos estudantes e no entendimento das complexas dinâmicas sociais. A forma como os conceitos sociológicos são apresentados, juntamente com quem são os principais protagonistas nas narrativas sociológicas, influencia significativamente a visão dos estudantes sobre o mundo e as relações humanas. O objetivo deste estudo é investigar e analisar a representação das mulheres nos livros didáticos de Sociologia, com o propósito de promover uma representação mais equitativa e crítica. Isso implica em examinar como as mulheres são retratadas em termos de seus papéis na sociedade, suas contribuições para a disciplina sociológica e a abordagem de questões de gênero nos materiais didáticos. A metodologia adotada para este estudo baseou-se em uma revisão bibliográfica abrangente. Foi realizada uma análise crítica da literatura existente sobre o tema da representação das mulheres nos livros didáticos de Sociologia, incorporando contribuições de diversos autores e pesquisadores. A revisão bibliográfica permitiu uma avaliação aprofundada das tendências, desafios e oportunidades relacionados a essa representação. Além disso, foi feita uma análise de conteúdo do livro didático de sociologia. A partir disso, percebeu-se, nessa pesquisa, a necessidade de ampliar a atenção dada às contribuições das mulheres para a disciplina sociológica, bem como a abordagem de questões de gênero de maneira mais abrangente nos materiais didáticos. Promover uma representação mais equitativa e crítica das mulheres nesses materiais é essencial para construir uma educação mais inclusiva e enriquecedora. Essa representação mais equitativa pode levar a uma compreensão mais completa das complexas dinâmicas sociais e à promoção da igualdade de gênero na sociedade.

Palavras-Chave: Representação. Mulheres. Livros Didáticos. Sociologia. Equidade de Gênero.

ABSTRACT

The representation of women in Sociology textbooks is a matter of significant importance, as these publications play a fundamental role in shaping students' perceptions and understanding of complex social dynamics. How sociological concepts are presented, along with who the key protagonists are in sociological narratives, significantly influences students' perspectives on the world and human relationships. The aim of this study is to investigate and analyze the representation of women in Sociology textbooks, with the purpose of promoting a more equitable and critical representation. This entails examining how women are portrayed in terms of their roles in society, their contributions to the sociological discipline, and the approach to gender-related issues in instructional materials. The methodology employed in this study is based on a comprehensive literature review. A critical analysis of existing literature on the topic of women's representation in Sociology textbooks was conducted, incorporating contributions from various authors and researchers. The literature review allowed for an in-depth assessment of the trends, challenges, and opportunities related to this representation. The representation of women in Sociology textbooks is an unquestionably relevant subject. Promoting a more equitable and critical representation of women in these materials is essential for building a more inclusive and enriching education. The literature review conducted in this study highlighted the need to expand attention to women's contributions to the sociological discipline, as well as to address gender-related issues more comprehensively in instructional materials. This more equitable representation can lead to a more comprehensive understanding of complex social dynamics and the promotion of gender equality in society.

Keywords: Representation. Women. Textbooks. Sociology. Gender Equity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	8
3. EVOLUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA SOCIOLOGIA	9
3.1 Análise do livro: Sociologia (Manual do Professor)	17
3.2 Análise do livro: Sociologia em movimento	24
3.3 Análise do livro: Moderna plus (Ciências humanas e sociais)	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS.....	47

1. INTRODUÇÃO

A forma como os conteúdos escolares são organizados e apresentados nos materiais didáticos exerce influência direta na construção de valores, identidades e representações sociais por parte dos estudantes. Nesse sentido, os livros didáticos de Sociologia, utilizados no Ensino Médio, têm papel relevante na formação do pensamento crítico e na compreensão das dinâmicas sociais, uma vez que introduzem conceitos fundamentais sobre estruturas sociais, relações de poder, desigualdades e transformações históricas. Dentre os inúmeros temas abordados por essa disciplina, a representação das mulheres e a discussão sobre gênero assumem uma importância estratégica, especialmente diante do compromisso da escola com a formação cidadã e a promoção da equidade.

Historicamente, a produção do conhecimento nas ciências sociais foi marcada por um viés androcêntrico, no qual as experiências masculinas foram tomadas como universais, enquanto as contribuições das mulheres foram silenciadas ou marginalizadas. O apagamento se reflete também nos livros didáticos, no qual frequentemente se observa uma presença reduzida ou estereotipada das figuras femininas. A invisibilização das mulheres, tanto como sujeitas sociais quanto como intelectuais, compromete a construção de uma educação inclusiva, crítica e comprometida com os direitos humanos. Ao mesmo tempo, limita as possibilidades de identificação e de reconhecimento para alunas e alunos, reforçando assimetrias de gênero ainda persistentes na sociedade.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo investigar a representação das mulheres nos livros didáticos de Sociologia do Ensino Médio, buscando compreender de que forma esses materiais retratam o papel social, político e intelectual das mulheres. O estudo se propõe a analisar a presença (ou ausência) de autoras e pensadoras, e, como são abordadas as questões de gênero, os contextos em que as mulheres aparecem e as imagens e linguagens utilizadas para representá-las.

A escolha desse tema se justifica pela necessidade de promover uma educação plural, capaz de incorporar diferentes vozes e trajetórias no processo de ensino-aprendizagem. Lançando um olhar crítico sobre os livros didáticos, busca-se contribuir com a reflexão sobre os desafios e possibilidades da educação como instrumento de transformação social, especialmente no que diz respeito à construção de relações mais justas entre homens e mulheres no espaço escolar e na sociedade como um todo.

2. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, cuja abordagem busca interpretar e compreender os sentidos atribuídos à representação das mulheres nos livros didáticos de Sociologia. A escolha pelo método qualitativo se justifica pela complexidade do objeto de estudo, que envolve dimensões simbólicas, culturais e discursivas que não são reduzidas a dados quantitativos, assim como, analisadas a partir de categorias interpretativas.

A investigação foi estruturada em duas etapas principais: a revisão bibliográfica e a análise de conteúdo. Na primeira etapa, realizou-se um levantamento teórico a partir de obras acadêmicas, artigos científicos e documentos oficiais que discutem os temas de gênero, representação social, currículo escolar, livros didáticos e educação crítica. Autores como Louro (1997), Scott (1995) e Silva (2001) foram fundamentais para a construção do referencial teórico que sustenta a análise crítica sobre a forma como as relações de gênero são abordadas no espaço escolar

Na segunda etapa da pesquisa, foi realizada a análise de conteúdo de três livros didáticos de Sociologia aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e utilizados no Ensino Médio. As obras selecionadas foram: *Sociologia – Ciências Sociais* (Editora Scipione), *Sociologia em Movimento* (Editora Moderna) e *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais* (Editora Moderna). A seleção dos livros de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas foi realizada com base na disponibilidade das obras na biblioteca da Escola Estadual Técnica em Ensino Médio ECIT Manoel Alves Campos, em Congo-PB. Considerando as dificuldades que enfrentei devido a problemas de saúde, decidi, em conjunto com meu orientador, que a pesquisa abordaria as edições do PNLD entre 2018 e 2023, com objetivo de analisar os livros utilizados pelos alunos do Cariri, interior da Paraíba, assegurando que a pesquisa seja relevante para o contexto educacional da região. Tendo em vista que essa abordagem é interessante, pois ao considerar a disponibilidade das obras na biblioteca e as particularidades da região, pode-se trazer à luz questões importantes sobre a educação no interior da Paraíba. A seleção visou identificar materiais efetivamente utilizados por professores e alunos no cotidiano escolar, garantindo, assim, a relevância empírica da análise realizada.

A análise seguiu o método proposto por Bardin (2011), dividido em três fases: (1) a pré-análise, com a organização e leitura flutuante dos materiais; (2) a exploração do conteúdo, com a codificação das unidades de registro relacionadas à representação das mulheres, como

textos, imagens, atividades, referências a autoras e movimentos sociais feministas; e (3) o tratamento dos resultados, com a interpretação dos dados à luz do referencial teórico.

Foram observados critérios como: presença de autoras mulheres nas discussões teóricas; abordagem de temas como feminismo, desigualdade de gênero e violência contra a mulher; pluralidade nas representações visuais (raça, classe, etnia); e estímulo à reflexão crítica sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres. Também foi considerada a inserção da temática de gênero de forma transversal e interdisciplinar.

3. TRAJETÓRIA DA REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA SOCIOLOGIA

Publicado em 2021 pela editora Rosa dos Tempos, o livro *Clássicos do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*, organizado por Verônica Toste Daflon (UFF) e Bila Sorj (UFRJ), reúne uma introdução analítica e oito capítulos que apresentam excertos de obras de autoras do século XIX. Muitas dessas pensadoras tiveram seus textos traduzidos para o português pela primeira vez nessa coletânea ou, até então, tinham circulação limitada no Brasil.

Na introdução da obra, Daflon e Sorj (2021) defendem a importância de resgatar as genealogias intelectuais das mulheres e dos feminismos em diversos campos do conhecimento. Esse movimento é especialmente necessário na Sociologia, onde, apesar das importantes contribuições dos estudos de gênero, esses saberes ainda são frequentemente marginalizados na disciplina.

As organizadoras apontam que, embora o século XIX tenha sido marcado pelo avanço das reivindicações femininas por justiça e igualdade, a produção teórica dessas mulheres foi historicamente desvalorizada pelo cânone sociológico, que priorizou análises das grandes mudanças econômicas, políticas e sociais. Temas ligados à esfera privada, como família, sexualidade e trabalho doméstico, foram relegados ao segundo plano e só foram incorporados com mais vigor a partir da segunda onda feminista, na década de 1960, quando a máxima “o pessoal é político” passou a nortear o pensamento feminista (MacKinnon, 2014).

O primeiro capítulo introduz Harriet Martineau, intelectual britânica reconhecida por propor uma metodologia científica voltada para a análise da vida social. Em sua obra *How to Observe Morals and Manners*¹ (1838), publicada décadas antes das *Regras do Método Sociológico* de Émile Durkheim, Martineau oferece aquele que é considerado o primeiro manual de pesquisa sociológica, conforme destacam Daflon e Sorj (2021).

Martineau valorizava aspectos da vida privada, usualmente negligenciados pela Sociologia tradicional. Em *Society in America* (1837), a autora afirma que espaços como a cozinha e o quarto de dormir revelam dimensões profundas da moralidade e das relações sociais. Sua percepção era de que a esfera doméstica continha elementos fundamentais para a compreensão da estrutura social. No capítulo seguinte, é apresentada Anna Julia Cooper, mulher negra e educadora norte-americana. Cooper, conforme argumentam Daflon e Sorj (2021), foi uma das precursoras do feminismo negro. Em sua obra *A Voice from the South*

¹ Tradução livre: Como observar a moral e os costumes.

(1892), a autora articulou de forma pioneira os conceitos de raça, classe e gênero, defendendo que as mulheres negras enfrentavam opressões específicas decorrentes da interseção dessas categorias sociais.

A vida e o pensamento da indiana Pandita Ramabai Sarasvati são retratados no terceiro capítulo. Considerada uma das fundadoras do feminismo na Índia, Ramabai publicou em 1887 a obra *The High-Caste Hindu Woman*, onde denuncia a condição de subalternidade das mulheres diante das estruturas patriarcais religiosas e coloniais. Segundo Daflon e Sorj (2021), seu livro é uma das primeiras análises sobre família e parentesco no contexto indiano. Ramabai identificou que as mulheres estavam submetidas a uma dupla opressão: de um lado, pela tradição hindu ortodoxa; de outro, pelo poder colonial britânico, que se abstinha de intervir em práticas religiosas locais, mesmo quando estas violavam direitos fundamentais das mulheres (Daflon & Sorj, 2021).

O quarto capítulo é dedicado à norte-americana Charlotte Perkins Gilman, autora da obra *Women and Economics* (1898). Gilman propõe uma crítica contundente à naturalização da divisão sexual do trabalho e à exploração das mulheres no espaço doméstico, abordando as conexões entre família, Estado e economia. Suas reflexões antecipam debates atuais, como aqueles levantados por Silvia Federici (2021), sobre o trabalho doméstico não remunerado e sua invisibilidade. A sul-africana Olive Schreiner aparece no quinto capítulo, com contribuições que entrelaçam as questões de gênero e raça em um contexto marcado pelo colonialismo e pela segregação racial. Schreiner denuncia, por meio de sua obra, as dinâmicas de dominação sexual e racial presentes nas colônias, especialmente na relação entre homens brancos e mulheres negras (Daflon & Sorj, 2021).

Schreiner também dialoga com o discurso científico dominante da época, pautado pelo positivismo e pela eugenia. No entanto, ela desafia essas correntes ao sustentar que as desigualdades não derivam apenas de fatores biológicos, mas sobretudo das construções culturais e sociais. O sexto capítulo apresenta Alexandra Kollontai, russa marxista que buscou refletir sobre a libertação das mulheres além das perspectivas liberais e do feminismo de classe média. Kollontai acreditava que a simples transformação das relações de produção, como defendiam setores da esquerda, não bastava para mudar as relações patriarcais no espaço doméstico.

Kollontai foi uma das primeiras a sistematizar críticas ao trabalho doméstico não remunerado, um tema que só ganharia centralidade anos mais tarde com autoras como Federici (2021). Seu pensamento abriu caminho para um novo campo de investigação na Sociologia — o estudo das relações entre produção e reprodução social

A obra coordenada por Daflon e Sorj (2021) é, portanto, um importante resgate historiográfico que insere autoras fundamentais no debate sociológico. Ao recuperar essas vozes, o livro contribui para descentralizar o cânone e promover uma leitura crítica da história do pensamento social. Mais do que apenas revisitar essas autoras, a coletânea estabelece conexões entre suas reflexões e os debates contemporâneos sobre feminismos, mostrando como temas como trabalho, sexualidade, família e raça continuam atuais e fundamentais para a análise da sociedade. Essa redescoberta de clássicas do pensamento social feminino não apenas corrige omissões históricas, mas amplia a compreensão sobre a diversidade de perspectivas que compõem as Ciências Sociais. Afinal, como lembra MacKinnon (2014), não é possível compreender plenamente a sociedade sem considerar os marcadores de gênero e suas implicações políticas e sociais.

A noção de "clássicas", atualmente objeto de disputa, pode ser compreendida sob duas abordagens distintas. A primeira relaciona-se à forma como determinados nomes são reconhecidos e utilizados pelo campo sociológico, sendo alçadas ao estatuto de clássicas por meio da sua recepção e recorrência (Holzhauser, 2021). A segunda refere-se à contextualização histórica, situando essas autoras no período de formação e consolidação da Sociologia como disciplina (Maia, 2023; Carvalho e Klein, 2023; Oliveira, 2023; Santana, 2021).

Ao questionar o uso automático do termo "clássica" e a concepção da recepção como um processo neutro e objetivo (Alatas e Sinha, 2023), torna-se essencial recuperar as contribuições de teóricas inseridas historicamente, o que permite romper com discursos canonizados e eurocentrados que, muitas vezes, ignoram os impactos dessas autoras no desenvolvimento intelectual e nas gerações subsequentes (Grüning e Santoro, 2021; Carvalho e Klein, 2023). Tal reposicionamento viabiliza uma abordagem mais crítica da trajetória da Sociologia, impedindo que se perpetuem classificações excludentes, que relegam as mulheres a um papel marginal na história da disciplina, além de deslegitimar acusações de "revisonismo" diante da reavaliação proposta (Carvalho e Klein, 2023). Como argumenta Güereca Torres (2016), a Sociologia foi construída e reproduzida sob uma ótica predominantemente masculina — uma "sociologia ciclópica".

Essa crítica à recepção seletiva e à invisibilização das contribuições femininas busca também desconstruir a ausência de reconhecimento institucional e acadêmico de muitas teóricas, cujas obras são marcadas pela relevância temática, metodológica e pelo impacto entre seus pares e sucessores (Lengermann e Niebrugge, 2019; Burawoy, 2021). Assim, a análise desse cenário histórico exige um esforço acadêmico de investigação e sistematização

de conteúdos produzidos nesse período inaugural da Sociologia, afastando posturas conservadoras e resistentes ao reconhecimento da pluralidade epistêmica (Carvalho e Klein, 2023). Igualmente importante é refletir criticamente sobre os mecanismos sociológicos da própria recepção, cuja seletividade está bem documentada (Dufoix, 2022).

A criação do Dossiê foi motivada tanto pela urgência em reunir esse debate quanto pelo interesse em tornar visíveis conteúdos relevantes que, embora já existentes, permanecem ignorados pelo núcleo central da Sociologia. O objetivo foi ocupar espaço na agenda científica e reforçar a necessidade de ampliar repertórios teóricos, metodológicos e pedagógicos, combatendo a violência simbólica e epistêmica que historicamente silenciou mulheres teóricas (Debia, 2019).

Confrontar o que é considerado “natural” na Sociologia e trazer à tona o que pode ser evidenciado por meio da pesquisa científica é um passo fundamental para transformar a maneira como o ensino e a produção sociológica se desenvolvem atualmente. A forte tradição de um cânone dogmático, centrado em autores europeus, brancos e homens, consolidou uma resistência à crítica sobre como se dá a escolha dos autores ensinados, os meios editoriais e os instrumentos pedagógicos utilizados (Maia, 2012, 2023; Oliveira, 2023; Carvalho e Klein, 2023). Esses mecanismos funcionam em cadeia, legitimando uns aos outros e naturalizando relações de poder no campo acadêmico, o que relega ao segundo plano epistemologias dissidentes (Foucault, 2017). Diante disso, é preciso valorizar as iniciativas que promovem a difusão de textos e teorias de autoras, desafiando a hegemonia estabelecida (Garcia e Martins, 2019; Daflon e Campos, 2022).

Além de oferecer subsídios ao debate, o Dossiê também se propôs a reunir pesquisadores(as) engajados em resgatar conceitos, teorias e trajetórias de autoras relevantes, tanto do passado quanto da contemporaneidade, com o objetivo de mapear os avanços nessa área de investigação e criar uma base útil para o ensino e a pesquisa. A chamada pública para a composição do Dossiê foi ampla e plural, reconhecendo, contudo, os limites que cercam esse tipo de empreendimento. Embora o material não represente um estado da arte definitivo, ele fomenta reflexões importantes sobre conexões conceituais e contribuições de autoras que podem ser incorporadas à prática acadêmica nas Ciências Sociais.

Em síntese, os textos aqui reunidos contribuem para a análise das condições históricas e estruturais que moldaram a produção teórica de mulheres ao longo do tempo. Isso inclui desde os primórdios da Filosofia Social até o desenvolvimento da teoria sociológica moderna, abrindo espaço para um reconhecimento mais amplo e profundo das contribuições dessas autoras ao pensamento social (Alcântara, 2022). Essa proposta se concretiza na estrutura

editorial do número, que conta com traduções e artigos diversos, refletindo a variedade de temas e áreas de atuação contempladas.

O termo “clássico”, na Sociologia, tem sido objeto de múltiplas interpretações e debates, especialmente no cenário contemporâneo, onde se discute sua legitimidade, critérios de consagração e pertinência epistemológica. De um lado, estão aqueles que compreendem os clássicos como resultados de um processo de recepção e legitimação, ou seja, como construções sociais validadas pelo campo acadêmico ao longo do tempo. De outro, há quem proponha que a definição de um autor ou obra como clássico deva estar ancorada em seu contexto histórico original, relacionando-se à fundação institucional da Sociologia como ciência (Araujo et al., 2016).

Ao se adotar uma perspectiva crítica sobre a constituição dos clássicos, questiona-se também o próprio conceito de cânone. A seleção de obras canônicas frequentemente reproduz uma visão eurocêntrica e androcêntrica da Sociologia, centrada em autores como Marx, Durkheim e Weber. Embora esses pensadores tenham de fato desempenhado papéis fundamentais na consolidação da disciplina, sua centralidade absoluta obscurece a diversidade de tradições teóricas existentes, especialmente aquelas oriundas do Sul Global.

O desafio contemporâneo reside, portanto, em repensar os critérios que definem o que é clássico e por que determinadas obras são consagradas em detrimento de outras. Isso implica uma revisão crítica do processo histórico de institucionalização da Sociologia, compreendendo-o como marcado por disputas políticas, epistemológicas e sociais. A ampliação do cânone requer a inclusão de novas vozes e perspectivas, capazes de enriquecer o debate sociológico e de refletir a pluralidade do mundo social (Araujo et al., 2016).

Nesse sentido, a proposta de alguns autores de abandonar a noção de clássico, substituindo-a por categorias como “autores fundadores” ou “pensadores centrais”, visa evitar o caráter sacralizado e imutável que, muitas vezes, acompanha a ideia de clássicos. Tal proposta busca tornar o campo mais dinâmico, crítico e aberto à renovação teórica. No entanto, há quem defenda a permanência da categoria, desde que esta seja repensada em termos mais flexíveis e contextuais (Pinheiro, 2021).

A persistência do termo “clássico” pode ser útil na medida em que permite reconhecer contribuições duradouras, cuja influência atravessa gerações e contextos. Ao mesmo tempo, é fundamental compreender que essa durabilidade não é sinônimo de neutralidade ou universalidade, mas sim de uma contínua negociação entre tradição e inovação. Um clássico, portanto, não é apenas aquilo que foi consagrado no passado, mas aquilo que continua sendo relido, reinterpretado e reatualizado à luz dos desafios do presente. A reflexão sobre os

clássicos também envolve questões pedagógicas. A maneira como os cursos de Sociologia apresentam seus fundamentos teóricos influencia diretamente a formação intelectual dos estudantes. Um currículo que se limita a três ou quatro nomes consagrados contribui para uma visão estreita e homogênea da disciplina, enquanto um ensino que incorpora diferentes tradições, autores e contextos pode fomentar uma compreensão mais crítica e abrangente da realidade social (Pinheiro, 2021).

É preciso, assim, reconhecer que a consagração de autores e textos como clássicos não ocorre de forma neutra ou espontânea. Trata-se de um processo profundamente influenciado pelas instituições acadêmicas, pelas editoras, pelos programas de pós-graduação e pelas disputas de poder dentro do campo científico. Dessa forma, a produção do cânone sociológico está imbricada com a reprodução de estruturas de dominação simbólica. O debate sobre os clássicos também se insere em uma discussão mais ampla sobre a memória disciplinar. A maneira como a Sociologia se lembra de seu passado afeta profundamente sua capacidade de se projetar no futuro. Memórias seletivas, que apagam contribuições relevantes ou simplificam tradições teóricas complexas, empobrecem a capacidade crítica da disciplina e limitam sua função social (Dufoix, 2022).

A Sociologia, como campo de conhecimento, precisa constantemente revisitar seus fundamentos. Esse movimento não implica rejeitar as contribuições históricas, mas contextualizá-las, analisá-las criticamente e confrontá-las com os desafios contemporâneos. Assim, os clássicos devem ser lidos não como verdades absolutas, mas como interlocutores históricos que nos ajudam a pensar os dilemas do presente. A reinterpretação dos clássicos também pode revelar dimensões pouco exploradas de suas obras. Muitas vezes, leituras tradicionais deixam de lado aspectos importantes da produção teórica de autores consagrados. Uma abordagem crítica e contextualizada permite resgatar essas dimensões ocultas, contribuindo para uma compreensão mais rica e multifacetada do pensamento sociológico (Dufoix, 2022).

A discussão sobre os clássicos não se limita ao âmbito da Sociologia, mas pode ser observada em outros campos das ciências humanas e sociais. Em todas essas áreas, a construção de cânones envolve disputas simbólicas, políticas e epistemológicas. Por isso, o debate sociológico sobre os clássicos pode dialogar com reflexões semelhantes na Filosofia, na Antropologia, na História e na Ciência Política. A compreensão dos clássicos como construções sociais e históricas permite romper com a ideia de um cânone universal e imutável. Em vez disso, reconhece-se que o que é considerado clássico varia de acordo com o contexto, os valores e os interesses dominantes em determinado momento histórico. Essa

perspectiva relativiza o status canônico e abre espaço para a pluralidade teórica. O ensino dos clássicos também pode ser repensado a partir de metodologias mais dialógicas e participativas. Em vez de simplesmente transmitir conteúdos prontos, o professor pode promover debates, comparações e análises críticas que estimulem a reflexão dos estudantes. Dessa forma, o aprendizado se torna mais ativo e engajado, favorecendo a formação de um pensamento sociológico autônomo (Alatas; Sinha, 2023).

Revisar os clássicos à luz das transformações sociais recentes é outro caminho promissor. A globalização, as novas tecnologias, as crises ambientais e os movimentos sociais contemporâneos colocam novas questões à Sociologia, exigindo que os clássicos sejam reavaliados a partir dessas novas realidades. Isso não invalida suas contribuições, mas mostra a necessidade de atualização interpretativa. Outro ponto importante diz respeito ao papel das traduções na difusão dos clássicos. Muitas vezes, a recepção de determinado autor está condicionada à qualidade e ao alcance de suas traduções. Problemas de tradução podem gerar distorções interpretativas, enquanto boas versões podem ampliar a compreensão e a influência de uma obra. A política editorial, portanto, também desempenha papel central na construção do cânone. A presença de determinados autores em currículos universitários e concursos públicos reforça seu status de clássico, enquanto outros, por falta de visibilidade institucional, acabam relegados ao esquecimento. Isso revela a importância das políticas educacionais na definição do que é considerado central no ensino e na pesquisa em Sociologia (Alatas; Sinha, 2023).

A crítica à formação do cânone deve considerar também o impacto da colonialidade do saber. A produção sociológica ocidental frequentemente se apresenta como universal, ignorando as especificidades culturais e históricas de outros contextos. Descolonizar os clássicos, nesse sentido, significa questionar os pressupostos eurocêntricos e abrir espaço para epistemologias diversas. Nesse processo de descolonização, é fundamental reconhecer a produção intelectual de autoras e autores negros, indígenas, asiáticos e latino-americanos. Suas contribuições, muitas vezes ignoradas pela tradição canônica, oferecem perspectivas inovadoras e fundamentais para a compreensão de dinâmicas sociais complexas (Maia, 2023).

A crítica feminista também tem questionado o cânone sociológico tradicional, apontando a ausência de mulheres nas listas de clássicos. Tal exclusão não decorre da falta de produção teórica relevante, mas sim de uma lógica patriarcal que invisibiliza essas contribuições. Incluir pensadoras como Harriet Martineau e Simone de Beauvoir é um passo importante para tornar o campo mais inclusivo. Além de ampliar o cânone, é necessário repensar os critérios que legitimam uma obra como clássica. Em vez de priorizar apenas a

influência institucional ou a tradição, deve-se valorizar a originalidade, a relevância social e a capacidade crítica de uma teoria. Isso pode levar ao reconhecimento de novos clássicos que reflitam os desafios contemporâneos. O debate sobre os clássicos também é uma oportunidade para refletir sobre os rumos da Sociologia. Em um mundo marcado por desigualdades, crises e transformações rápidas, a disciplina precisa manter sua capacidade de interpretação crítica. Para isso, é essencial dialogar com o passado, sem se aprisionar a ele (Maia, 2023).

Reavaliar os clássicos permite também uma reconciliação entre tradição e inovação. Em vez de ver essas dimensões como opostas, pode-se compreendê-las como complementares. O passado oferece fundamentos e referenciais, enquanto o presente exige criatividade e ousadia teórica. A leitura crítica dos clássicos pode promover uma atitude intelectual mais reflexiva, ética e consciente. Isso implica reconhecer os limites das teorias, compreender seus contextos de produção e dialogar com outras formas de saber. Assim, a Sociologia se fortalece como ciência comprometida com a transformação social (Alatas; Sinha, 2023).

Historicamente, a trajetória das mulheres na Sociologia foi marcada por invisibilidades e omissões. Embora tenham estado presentes desde os primórdios da disciplina, suas contribuições foram muitas vezes marginalizadas ou atribuídas a figuras masculinas. A construção do cânone sociológico tradicional privilegiou vozes masculinas, como Durkheim, Weber e Marx, deixando de lado intelectuais mulheres que, ainda no século XIX, já produziam análises sociais relevantes.

Harriet Martineau é um exemplo clássico desse apagamento. Considerada por muitos estudiosos como a primeira socióloga, ela produziu obras fundamentais sobre desigualdade, moralidade e instituições sociais. No entanto, por muito tempo foi tratada como uma "tradutora de Comte", mesmo tendo desenvolvido análises originais sobre a sociedade inglesa e americana. Sua exclusão da memória disciplinar mostra como os critérios de legitimação acadêmica estiveram atrelados a estruturas patriarcais.

Além de Martineau, outras intelectuais do século XIX e início do XX, como Beatrice Webb e Jane Addams, também desempenharam papéis fundamentais na consolidação de métodos de pesquisa empírica e no estudo da pobreza, trabalho e educação. Addams, por exemplo, foi pioneira nos estudos sobre a vida urbana e os efeitos das políticas públicas sobre populações marginalizadas, utilizando metodologias participativas inovadoras. A ausência dessas figuras nos manuais de Sociologia revela não apenas um viés de gênero, mas uma prática de silenciamento sistemático que reduziu a diversidade de perspectivas na construção da teoria sociológica. Durante décadas, o espaço da mulher na Sociologia foi restrito a

funções de apoio, pesquisa empírica ou ensino, enquanto os homens ocupavam os postos de produção teórica e institucionalização da disciplina (Pinheiro, 2021).

A crítica feminista à Sociologia emerge como uma reação a esse processo de exclusão. A partir da segunda metade do século XX, especialmente com o avanço dos estudos de gênero, sociólogas começaram a questionar os pressupostos androcêntricos da teoria social. Uma das pioneiras nesse movimento foi Simone de Beauvoir, cuja obra extrapola os limites da filosofia e inaugura uma análise sociológica da condição feminina. O feminismo sociológico passou então a propor novas formas de ver o mundo social, centradas nas experiências das mulheres. Autoras como Dorothy Smith, Patricia Hill Collins e Joan Acker desenvolveram abordagens que desafiaram as teorias clássicas, apontando suas limitações ao tratar o masculino como norma universal. Essas pensadoras abriram caminho para uma reconstrução do campo sociológico, com base em perspectivas inclusivas e interseccionais (Pinheiro, 2021).

A interseccionalidade, aliás, tornou-se um conceito-chave para as contribuições contemporâneas das mulheres na Sociologia. Criado por Kimberlé Crenshaw, o termo passou a ser amplamente utilizado por sociólogas para analisar as interações entre gênero, raça, classe e outras categorias de opressão. Essa abordagem trouxe maior complexidade às análises sociais e ampliou o escopo das pesquisas sobre desigualdade. Além das teorias, a presença das mulheres na Sociologia também se expressa em práticas metodológicas inovadoras. Muitas pesquisadoras desenvolveram métodos qualitativos sensíveis às especificidades das experiências femininas, como histórias de vida, etnografias feministas e entrevistas em profundidade. Essas práticas metodológicas contribuíram para enriquecer a compreensão dos fenômenos sociais (Pinheiro, 2021).

As contribuições das sociólogas também foram fundamentais para repensar a própria epistemologia da ciência. Muitas autoras argumentaram que o conhecimento produzido a partir da vivência das mulheres não é apenas válido, mas essencial para compreender a realidade de maneira mais abrangente. Essa epistemologia feminista critica a pretensa neutralidade científica e propõe uma abordagem situada e reflexiva. No Brasil, a atuação das mulheres na Sociologia tem ganhado destaque principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando muitas sociólogas começaram a investigar temas como trabalho doméstico, violência de gênero, saúde reprodutiva e movimentos sociais feministas. Autoras como Heleieth Saffioti e Maria da Glória Gohn contribuíram de forma decisiva para a institucionalização dos estudos de gênero na academia brasileira (Pinheiro, 2021).

Saffioti, por exemplo, foi uma das primeiras a relacionar gênero e classe de forma sistemática, evidenciando como a opressão das mulheres estava intrinsecamente ligada à

estrutura capitalista. Sua obra “A mulher na sociedade de classes” é uma referência obrigatória para quem estuda as desigualdades de gênero sob a ótica marxista. Ela abriu espaço para que novas gerações de pesquisadoras questionassem as bases da sociologia tradicional. Maria da Glória Gohn, por sua vez, dedicou-se ao estudo dos movimentos sociais e mostrou como o ativismo feminista tem sido uma força de transformação política e cultural. Sua produção destaca o papel das mulheres como agentes históricos, rompendo com a ideia de que elas seriam meras vítimas da estrutura social. Essa perspectiva ativa e protagonista tem sido central nas análises sociológicas contemporâneas (Araujo, 2016).

A entrada das mulheres na universidade e em centros de pesquisa contribuiu para ampliar o repertório temático da Sociologia. Questões como maternidade, sexualidade, aborto, trabalho de cuidado e políticas públicas para mulheres passaram a ser consideradas legítimas dentro do campo acadêmico. Essa ampliação trouxe ganhos significativos para a disciplina, que passou a refletir com maior profundidade sobre aspectos da vida social antes negligenciados. Entretanto, a presença das mulheres na Sociologia ainda enfrenta obstáculos. A desigualdade na distribuição de bolsas de pesquisa, cargos de liderança acadêmica e publicações em revistas de prestígio demonstra que o reconhecimento pleno das contribuições femininas ainda é um desafio. Muitos espaços continuam sendo dominados por homens, o que limita a pluralidade do debate científico (Araujo, 2016).

Além disso, as sociólogas negras, indígenas e trans enfrentam barreiras ainda maiores. O racismo estrutural e a transfobia se somam ao machismo, criando um campo acadêmico hostil para quem está fora dos padrões hegemônicos. Essas desigualdades impactam não apenas as trajetórias individuais, mas também os rumos da própria produção sociológica. Nesse sentido, a Sociologia feminista interseccional tem desempenhado um papel crucial ao denunciar essas estruturas excludentes. Autoras como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, por exemplo, trouxeram ao debate brasileiro a necessidade de compreender a opressão de gênero articulada ao racismo. Elas evidenciaram como as mulheres negras ocupam posições sociais marcadas pela vulnerabilidade, mas também pela resistência (Maia, 2023).

A produção intelectual das mulheres tem, portanto, um duplo desafio: fazer avançar a teoria social e transformar as estruturas da própria academia. Essa luta por reconhecimento envolve tanto a inserção em espaços formais quanto a construção de redes alternativas de produção e circulação do saber. Coletivos de pesquisadoras, grupos de estudos feministas e revistas especializadas têm cumprido um papel fundamental nesse processo. É preciso destacar que a entrada das mulheres no campo sociológico não se dá apenas como uma adição quantitativa. Trata-se de uma transformação qualitativa que questiona os fundamentos da

disciplina. Ao problematizar os conceitos de sujeito, poder e estrutura social, as mulheres renovam os marcos teóricos da Sociologia e propõem novos horizontes analíticos (Maia, 2023).

Essa renovação é perceptível, por exemplo, nas análises sobre o Estado, a família e o mercado de trabalho. As sociólogas têm demonstrado como essas instituições reproduzem desigualdades de gênero de maneira sistemática. Ao mesmo tempo, investigam as estratégias de resistência construídas pelas mulheres para subverter essas normas sociais. A presença das mulheres também trouxe uma nova sensibilidade ética à pesquisa sociológica. Muitas autoras enfatizam a importância do compromisso com os sujeitos pesquisados, valorizando o diálogo, o respeito e a escuta ativa. Essa postura ética fortalece os vínculos entre teoria e prática, entre academia e sociedade (Maia, 2023).

Com isso, a Sociologia feita por mulheres se torna não apenas uma ferramenta de análise, mas também de transformação social. Ela contribui para desnaturalizar a opressão e revelar os mecanismos de poder que moldam as experiências femininas. Trata-se de uma Sociologia comprometida com a justiça social e com a emancipação humana. Apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito. A inclusão de mais mulheres nos currículos, nas bancas avaliadoras e nas direções de instituições científicas é uma meta urgente. Essa inclusão não deve se dar de forma simbólica, mas sim como reconhecimento efetivo da qualidade e relevância da produção intelectual feminina (Debia, 2019).

É necessário também promover o diálogo entre diferentes gerações de sociólogas. As trajetórias das pioneiras devem ser valorizadas e conhecidas pelas novas pesquisadoras, de modo que se construa uma tradição crítica e plural. A memória das mulheres na Sociologia é uma ferramenta poderosa para enfrentar os desafios contemporâneos. Programas de fomento, editais específicos e ações afirmativas podem contribuir para equilibrar o cenário desigual que ainda marca a academia. Essas iniciativas devem ser construídas com participação ativa das próprias pesquisadoras. A internacionalização da produção feita por mulheres também é uma estratégia relevante. Ao promover intercâmbios e colaborações com pesquisadoras de outras partes do mundo, é possível ampliar horizontes teóricos e metodológicos. Essa troca favorece a circulação de ideias e fortalece uma Sociologia global mais democrática (Debia, 2019).

3.1 Análise do livro: Sociologia (Manual do Professor)

O livro *Sociologia – Ciências Sociais*, Manual do Professor, foi produzido pela Editora Scipione e aprovado no ciclo do PNLD 2018, sendo destinado ao Ensino Médio. De autoria de Nelson Dacio Tomazi, a obra foi elaborada dentro do contexto das diretrizes

curriculares nacionais para o ensino de Sociologia, com o objetivo de oferecer aos professores uma abordagem didática acessível, baseada em teorias clássicas e conteúdos estruturados em torno de temas como cultura, trabalho, política e desigualdade social. Divulgado e distribuído pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático a partir de 2019, o manual acompanha o livro do aluno, fornecendo orientações metodológicas, sugestões de atividades e propostas de avaliação, sendo amplamente adotado em escolas públicas brasileiras como material de referência para o ensino da disciplina.

A obra “Sociologia (Manual do Professor) tem como objetivo introduzir os estudantes do Ensino Médio ao pensamento sociológico por meio de temas fundamentais como cultura, trabalho, política e desigualdade social. Contudo, fazendo a análise da representação das mulheres ao longo da obra, nota-se que a visibilidade feminina é tratada de forma limitada. As mulheres aparecem, em sua maioria, associadas a temas como família, violência ou desigualdade, sem que sua presença seja transversal aos principais eixos do conteúdo.

Logo nos capítulos iniciais, ao tratar das transformações sociais e do surgimento da Sociologia como ciência, a obra apresenta os grandes clássicos do pensamento sociológico — Durkheim, Weber e Marx — sem qualquer menção às contribuições femininas no mesmo período. Scott (1990) que afirma que o apagamento das mulheres dos discursos científicos não se dá por ausência de participação, mas por escolhas conscientes de exclusão nos processos de legitimação do conhecimento.

As reflexões se mantêm descritivas, muitas vezes reforçando estereótipos ou naturalizando a divisão sexual do trabalho, sem oferecer uma análise crítica sobre a construção histórica desses papéis. Como argumenta Louro (1997), quando a escola apresenta conteúdos que naturalizam os lugares sociais da mulher, contribui para a manutenção de desigualdades simbólicas.

A intersecção entre classe, raça e gênero não é devidamente problematizada, o que compromete a compreensão crítica das múltiplas formas de discriminação enfrentadas por mulheres negras, indígenas ou periféricas. Autoras como Gonzalez (1982) e Ribeiro (2017) apontam que a invisibilização das mulheres racializadas nos espaços educacionais é um dos principais entraves para a construção de uma educação verdadeiramente emancipadora.

Nos capítulos que tratam de cidadania, política ou movimentos sociais, a ausência de protagonismo feminino também é perceptível. A narrativa tende a concentrar-se em líderes homens, apagando as contribuições de figuras históricas femininas que tiveram com relevância em lutas por direitos civis, trabalhistas e sociais. A autora Perrot (2005) defende

que esse tipo de omissão dificulta o reconhecimento da mulher como agente histórica e reforça uma ideia de passividade que historicamente lhes foi atribuída.

Ainda que o livro utilize, de forma secundária, imagens e textos de apoio com personagens femininas em algumas atividades, pouco se vê, por exemplo, a valorização de mulheres cientistas, intelectuais, ativistas ou lideranças comunitárias. A iconografia escolhida reforça, muitas vezes, papéis sociais convencionais, em vez de questioná-los. Como defende Hooks (2019), a representação simbólica é um campo de disputa política e educacional fundamental para o empoderamento feminino e a desconstrução de narrativas dominantes.

A invisibilidade das mulheres enquanto sujeitos históricos é expressada na falta de menção a teóricas e pensadoras da Sociologia contemporânea. Nomes como Simone de Beauvoir, Judith Butler, Silvia Federici ou Angela Davis, cujas contribuições são centrais para os estudos de gênero e para a crítica das desigualdades estruturais, todavia, não são referenciados na obra. Segundo Costa (2004), a ausência dessas vozes femininas nas referências escolares reflete uma hierarquia epistemológica que subordina o saber produzido por mulheres e perpetua a dominação simbólica.

A análise do conteúdo demonstra que a mulher, quando aparece, é muitas vezes reduzida à condição de vítima ou destinatária de políticas públicas, e raramente como protagonista das transformações sociais. A abordagem carece de exemplos de mulheres que romperam barreiras, ocuparam espaços de poder ou contribuíram intelectualmente para a sociedade (Ribeiro, 2017).

A obra Sociologia aborda temas relacionados à desigualdade de gênero, sobretudo, no contexto da divisão sexual do trabalho, da violência doméstica e da representação da mulher na sociedade. Contudo, a discussão sobre gênero e feminismo se limita a uma leitura fragmentada. O livro não apresenta uma reflexão crítica embasada sobre as raízes estruturais da desigualdade de gênero, tampouco dedica um espaço para a discussão sobre o movimento feminista e suas diversas vertentes.

Embora o livro comporte passagens que mencionam o feminismo, como uma referência às lutas históricas das mulheres por direitos iguais, tais menções são inseridas de forma pontual, sem um tratamento que possibilite aos alunos compreender as distintas fases e abordagens do movimento. A obra carece de uma análise embasada sobre como as questões feministas se relacionam com outras formas de opressão, como o racismo, a classe social e a orientação sexual. Autoras como bell hooks (2003) e Judith Butler (1990) destacam a importância de entender o feminismo de forma interseccional, o que não é suficientemente abordado no livro.

Quando o feminismo é mencionado, geralmente aparece como uma ilustração complementa, em um dos exemplos citados, há uma referência à luta das mulheres por igualdade de direitos, sem detalhar os diferentes movimentos feministas que ocorreram ao longo da história, como o movimento sufragista, o feminismo negro, o feminismo radical ou o movimento de mulheres no Brasil.

Como já foi mencionado, nomes como Simone de Beauvoir, com sua obra *O Segundo Sexo* (1949), são omitidos, embora suas ideias sobre a construção social do gênero tenham influenciado profundamente as ciências sociais. A ausência de pensadoras como Beauvoir, Judith Butler, Audre Lorde e Angela Davis enfraquece a análise sociológica e limita o repertório teórico do livro, dificultando a compreensão crítica dos alunos sobre o feminismo e as transformações que ele propôs ao longo do tempo.

Na mesma linha, o livro não aborda as discussões sobre a sexualidade, o corpo e a identidade de gênero de maneira crítica. Autores como Butler (1990) e Foucault (1976) propuseram discussões radicais sobre a construção das identidades de gênero e o papel do discurso na formação da subjetividade, mas esses conceitos não são mencionados ou discutidos no material didático.

A ausência de uma análise crítica das políticas públicas voltadas para as mulheres e o movimento feminista também é notável. O livro menciona algumas leis relacionadas aos direitos das mulheres, como a Lei Maria da Penha, mas não vai além de uma descrição superficial sobre o funcionamento dessas políticas. Não são discutidas as críticas e as limitações dessas políticas, nem a atuação das mulheres na luta por sua implementação. A análise sobre o impacto do movimento feminista na conquista de direitos civis e na formulação de políticas públicas ainda é tratada de forma secundária e não coloca o movimento feminino como uma força transformadora no campo da política social.

O livro ainda carece de uma reflexão sobre a importância da educação feminista e da formação crítica de gênero nas escolas. A abordagem das questões de gênero na obra é tradicional, sem incentivar o debate sobre como os estereótipos de gênero são reproduzidos nas instituições educacionais e como a educação é um meio de transformação. Como afirma Tadiar (2004), a educação atua na desconstrução das desigualdades de gênero e na formação de uma consciência crítica sobre as relações de poder, e essa discussão não é explorada de forma consistente na obra.

A linguagem utilizada também não faz jus à complexidade do movimento feminista. Em vez de adotar uma terminologia que reconheça a diversidade e a pluralidade das

experiências femininas, o livro ainda recorre a um vocabulário que ressoa com as narrativas convencionais sobre a mulher como vítima ou como receptora de benefícios sociais.

Mesmo ao tratar de temas como violência doméstica ou igualdade no trabalho, o livro restringe-se a destacar essas questões sem elaborar uma análise adequada das causas estruturais que as sustentam. O feminismo contemporâneo tem enfatizado que a desigualdade de gênero é um problema de comportamento coletivo, uma questão estrutural que envolve relações de poder profundamente enraizadas na sociedade (Spivak, 1988).

A escolha das ilustrações e exemplos ao longo da obra reflete, em grande parte, os estereótipos tradicionais sobre as mulheres, o que contribui para a perpetuação de certos modelos de comportamento e papéis de gênero. Embora o livro aborde questões sociais contemporâneas, as imagens frequentemente reforçam uma visão limitada da mulher, associando-a ao ambiente doméstico e à esfera privada do que a espaços de poder, ciência ou ativismo social.

As representações femininas no livro tendem a se concentrar em contextos familiares ou afetivos, com imagens de mulheres em papéis como mães, cuidadoras ou donas de casa. As ilustrações reforçam os estereótipos de gênero que marginalizam as mulheres das esferas públicas e profissionais, na qual estão historicamente sub-representadas.

Em contraste, as representações de homens nas imagens são frequentemente associadas a ambientes de trabalho, liderança e autoridade. O homem é retratado em contextos de poder, como em escritórios, tribunais ou outros espaços públicos, sugerindo que as esferas de decisão e ação estão reservadas principalmente aos homens. O que cria uma dicotomia entre os papéis de gênero, em que a mulher é confinada ao espaço privado, enquanto o homem é associado ao domínio público.

A falta de imagens de mulheres no contexto de profissões como engenharia, política ou grandes espaços corporativos também reflete um viés estrutural. Mesmo quando o livro discute profissões ou carreiras, as mulheres são frequentemente subrepresentadas ou não representadas de forma equitativa.

Nos capítulos sobre família, as mulheres são frequentemente mostradas como cuidadoras de crianças ou responsáveis por tarefas domésticas, sem que haja uma reflexão sobre como essa divisão de papéis reflete desigualdades de poder e de oportunidade. Embora o trabalho doméstico seja fundamental, ele não é reconhecido como um trabalho formal, e as mulheres que atuam nessas funções não são valorizadas.

O uso dessas imagens, embora possa ser visto como uma tentativa de tornar os conceitos compreensíveis, acaba por reforçar uma visão conservadora de gênero, que não

desafia nem questiona as desigualdades estruturais. Em vez de ilustrar uma sociedade em que as mulheres desempenham papéis ativos e igualitários, as imagens parecem corroborar as noções de que o papel mulher está restrito à casa e à família, e que sua participação na esfera pública ainda é marginal ou limitada.

Ademais, a falta de diversidade racial nas imagens de mulheres também é um ponto problemático. Quando as mulheres são representadas, muitas vezes elas são brancas, o que contribui para a invisibilidade das mulheres negras e periféricas nas discussões sobre gênero e desigualdade. O feminismo, como apontado por Kimberlé Crenshaw (1991), deve ser interseccional, reconhecendo como as diferentes formas de opressão se cruzam. A ausência de representações de mulheres negras ou de mulheres em contextos diversos impede uma análise completa das questões de gênero e de classe social.

A ausência de mulheres em contextos de poder, ciência, política e ativismo dentro das imagens do livro reflete uma escolha editorial que poderia ser revista para fornecer uma representação equitativa e verdadeira da sociedade. A inclusão de imagens de mulheres em papéis de liderança, na política, na ciência ou em movimentos sociais poderia promover uma visão realista da participação feminina, incentivando os estudantes a questionar os estereótipos de gênero que ainda permeiam a sociedade.

O livro *Diálogo com a Sociologia* busca fornecer uma base teórica sólida para o entendimento das questões sociais, incluindo as desigualdades de gênero. Todavia, sua contribuição para a formação crítica dos estudantes sobre a situação das mulheres e as estruturas de poder baseadas no gênero ainda é limitada. Embora o livro aborde temas importantes, como desigualdade social, trabalho e família, as questões de gênero muitas vezes aparecem de forma secundária e não desafiam as estruturas sociais estabelecidas. Para que a obra possa contribuir efetivamente para uma formação crítica dos estudantes, seria necessário um aprofundamento nas questões de gênero, que permitisse uma reflexão ampla e fundamentada sobre o feminismo e os papéis das mulheres na sociedade contemporânea.

A formação crítica é um dos pilares da educação sociológica, e isso envolve a capacidade de questionar as normas e os valores estabelecidos. Contudo, ao tratar das mulheres apenas de maneira periférica ou como figuras passivas nas dinâmicas sociais, o livro falha em incentivar os estudantes a questionar a desigualdade de gênero como uma questão estrutural. Em vez disso, a abordagem parece tratar as questões de gênero como algo que diz respeito apenas à esfera privada ou familiar, sem estabelecer um vínculo claro com as dinâmicas de poder, política e economia.

Quando o livro aborda a divisão sexual do trabalho, ele se concentra em aspectos familiares e domésticos, sem explorar adequadamente como a divisão do trabalho entre os sexos se reflete em outras esferas sociais, como o mercado de trabalho e a política. As mulheres, mesmo quando mencionadas em discussões sobre desigualdade, são frequentemente retratadas como vítimas de um sistema que as oprime, mas não como agentes capazes de transformar essas estruturas. Para que os estudantes desenvolvam uma visão crítica profunda sobre a desigualdade de gênero, seria necessário que o livro apresentasse as mulheres também como protagonistas da mudança social, destacando suas lutas, conquistas e os movimentos feministas que têm desempenhado um papel fundamental na construção da sociedade contemporânea.

A falta de uma análise interseccional, que considere as interações entre gênero, classe, raça e outras formas de opressão, impede que o livro ofereça uma visão complexa e inclusiva da situação das mulheres. O feminismo interseccional, conforme proposto por autoras como Kimberlé Crenshaw, reconhece que as mulheres não são um grupo homogêneo e que suas experiências variam amplamente de acordo com suas origens étnicas, sociais e econômicas. Contudo, o livro não aborda essa diversidade, o que limita a compreensão dos estudantes sobre a multiplicidade de experiências que as mulheres enfrentam em diferentes contextos sociais.

Em relação às discussões sobre violência de gênero, o livro menciona a questão, mas de forma pontual e com um enfoque principalmente legal, sem uma análise crítica das estruturas sociais que sustentam essa violência. A violência contra as mulheres é uma questão profundamente enraizada em normas de gênero, que atribuem às mulheres papéis subalternos e reforçam sua vulnerabilidade em vários contextos sociais. Para promover uma formação crítica, seria necessário que o livro aprofundasse as causas estruturais dessa violência, sem tratá-la como um problema isolado, mas como parte de um sistema de desigualdade de gênero que permeia todas as áreas da vida social.

A obra poderia também incluir exemplos de mulheres que atuaram de forma na transformação das estruturas sociais, como líderes feministas, cientistas, ativistas e outras figuras históricas, para que os estudantes pudessem entender as mulheres como agentes de transformação e não apenas como vítimas de opressão. A inclusão de biografias e histórias de mulheres que desafiaram as normas sociais poderia proporcionar aos estudantes modelos positivos de mulheres fortes e resilientes, contribuindo para uma formação crítica e empoderada.

Por outro lado, o livro também poderia utilizar metodologias ativas e propostas de reflexão que incentivassem os alunos a investigar as questões de gênero em seus próprios contextos. Por exemplo, ao invés de apresentar apenas um modelo teórico de análise de gênero, o livro poderia sugerir projetos de pesquisa ou debates que permitissem aos estudantes investigar como as desigualdades de gênero se manifestam em suas próprias comunidades ou em esferas específicas da sociedade, como o trabalho, a educação ou a política. O que ajudaria os estudantes a perceber a relevância do tema e a desenvolver habilidades analíticas que são essenciais para a construção de uma visão crítica sobre as relações de poder e as estruturas de gênero.

A obra poderia incluir uma maior diversidade de perspectivas sobre o feminismo, apresentando tanto as correntes tradicionais quanto as abordagens contemporâneas e radicalizadas. O que viabiliza que os estudantes compreendessem as diferentes visões sobre a luta pela igualdade de gênero e pudessem refletir sobre as diversas estratégias e propostas que existem para a transformação social. A falta dessa pluralidade de vozes limita a formação crítica, ao restringir as opções de pensamento sobre como combater as desigualdades de gênero.

Uma abordagem crítica poderia também examinar como os estereótipos de gênero são perpetuados nas diversas esferas da vida social, incluindo os meios de comunicação, a educação e as relações familiares. Para que os estudantes realmente compreendam as dinâmicas de poder relacionadas ao gênero, é necessário que o livro ofereça ferramentas para analisar como essas normas sociais são reproduzidas e como são desafiadas. O que poderia ser feito por meio de estudos de caso, análise de mídia e outros recursos que ajudem os estudantes a conectar as teorias sociais com as realidades cotidianas.

Para que o livro ofereça uma contribuição para a formação crítica dos estudantes, seria importante que ele apresentasse profundamente as questões de gênero como um dos pilares centrais da análise social, ao invés de tratá-las como um tema secundário ou complementar. O que possibilita que os alunos não só compreendessem a desigualdade de gênero, mas também desenvolvessem a capacidade de questionar e transformar as estruturas sociais que perpetuam essa desigualdade, promovendo uma educação inclusiva, reflexiva e transformadora (Scott, 1991).

3.2 Análise do livro: Sociologia em Movimento

O livro *Sociologia em Movimento* foi publicado pela Editora Moderna e aprovado no PNLD 2018 para o Ensino Médio. De autoria de Maria Aparecida de Moraes Silva, Nelson

Dacio Tomazi e Paulo César Rodrigues Carrano, a obra foi elaborada em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), buscando articular teoria sociológica com temas contemporâneos da realidade brasileira. Produzido em um contexto de reformulação dos materiais didáticos para atender às exigências de um ensino mais contextualizado e interdisciplinar, o livro foi divulgado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático a partir de 2019, sendo amplamente distribuído nas escolas públicas do país. A proposta pedagógica do livro valoriza a construção crítica do conhecimento e incentiva o protagonismo estudantil, com foco em temas como cidadania, desigualdade, identidade e participação social.

A obra *Sociologia em Movimento* representa um avanço importante na inclusão do debate de gênero no contexto das ciências sociais. O autor reconhece as mulheres como agentes fundamentais nas transformações sociais e, ao longo do texto, dedica seções específicas para abordar questões relacionadas ao feminismo, à desigualdade de gênero e ao papel das mulheres nas mudanças históricas e políticas. A inserção é mais robusta do que em outros livros didáticos, refletindo uma abordagem que integra a análise de gênero dentro de um contexto histórico e político amplo, compatível com uma sociologia crítica.

Ao longo da obra, o autor reconhece a opressão das mulheres, examinando as várias formas de resistência e as lutas feministas que foram essenciais para a construção de direitos e para a reconfiguração das relações sociais. A obra faz referência a diversos movimentos feministas e aos desafios que as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam para garantir igualdade em diversas esferas da vida social, como no trabalho, na educação e na política. Esse reconhecimento não se limita a uma abordagem superficial ou pontual, mas busca um entendimento profundo da trajetória histórica das mulheres, que foram marginalizadas em muitos contextos, mas que, ao mesmo tempo, desempenharam papéis cruciais na formação das sociedades modernas (Scott, 1991).

O livro insere o debate sobre feminismo de maneira crítica, destacando como as diversas correntes feministas questionam as estruturas patriarcais e propõem novas formas de organização social. O autor faz uma conexão entre as reivindicações feministas e outras teorias sociológicas, como as abordagens marxistas e pós-modernas, oferecendo uma visão interdisciplinar que fortalece o entendimento das questões de gênero dentro de um quadro teórico amplo. O que permite que os estudantes compreendam as diversas dimensões das desigualdades de gênero e como essas desigualdades se interconectam com outras formas de opressão social, como a classe e a raça.

Embora a obra insira a discussão de gênero de maneira consistente, ela ainda carece de um aprofundamento maior nas questões interseccionais que envolvem a desigualdade de gênero, raça, classe social e outras formas de discriminação. A intersecção dessas dimensões é um ponto crucial para a compreensão das desigualdades contemporâneas, como proposto por autoras feministas interseccionais como Kimberlé Crenshaw. Uma análise detalhada dessas intersecções ajudaria a enriquecer a discussão e a refletir amplamente a diversidade de experiências vividas pelas mulheres em diferentes contextos sociais.

De forma geral, o livro avança na forma como apresenta o gênero, mas ainda há espaço para um tratamento detalhado e plural do feminismo, incluindo suas diversas vertentes e a pluralidade de vozes feministas ao longo da história. A obra poderia explorar a fundo a contribuição de pensadoras feministas que são essenciais para a construção do pensamento sociológico contemporâneo, como Simone de Beauvoir, bell hooks, Judith Butler e outras, que têm influenciado o debate sobre gênero, poder e identidade. A inclusão dessas autoras ampliaria a compreensão dos estudantes sobre o feminismo, indo além de uma visão única ou simplificada da luta pela igualdade de gênero.

Ao longo da obra, são apresentados casos de ativismo feminino, mas seria interessante incluir também análises aprofundadas de como esses movimentos atuam em diferentes contextos, como em ambientes urbanos e rurais, ou ainda em diferentes partes do mundo, a fim de dar uma perspectiva global sobre a luta por igualdade de gênero.

Isto posto, a inserção do debate de gênero na obra contribui para uma formação crítica dos estudantes, ao apresentar as questões de gênero como fundamentais para a compreensão das estruturas sociais. Todavia, como toda obra didática, ela poderia se beneficiar de uma abordagem interativa, com sugestões de atividades, debates e pesquisas que permitissem aos estudantes investigar a desigualdade de gênero em suas próprias realidades, tornando o conteúdo aplicável ao cotidiano. Nesta linha, poderia aprofundar as discussões sobre o feminismo contemporâneo e suas implicações nas lutas sociais atuais, para conectar os conceitos abordados na obra com os movimentos que continuam a moldar o mundo contemporâneo (Louro, 2003).

Uma característica notável do livro *Sociologia em Movimento* é a ênfase dada a importantes pensadoras feministas e aos movimentos sociais como agentes essenciais na transformação da realidade social. Diferentemente de outras coleções didáticas, que frequentemente tratam as questões de gênero de forma superficial, o autor valoriza de maneira as contribuições de intelectuais como Simone de Beauvoir e Angela Davis, figuras chave para a construção da teoria feminista e para a análise crítica da opressão das mulheres.

Simone de Beauvoir, uma das maiores filósofas do século XX, é mencionada de forma a ilustrar a construção do "outro" feminino dentro de uma sociedade patriarcal, tema central de sua obra *O Segundo Sexo*. A noção de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, o livro aprofunda a reflexão sobre a socialização de gênero e as expectativas impostas às mulheres pela sociedade. A citação de Beauvoir serve como uma referência histórica, e, como uma ferramenta pedagógica que permite aos estudantes compreender como as mulheres foram historicamente subjugadas, limitadas e estigmatizadas, com seus papéis sociais sendo definidos pelo olhar masculino dominante (Scott, 1991).

Além de Beauvoir, Angela Davis também é destacada como uma pensadora fundamental para entender as relações de opressão que envolvem gênero, raça e classe social. O autor do livro utiliza os conceitos propostos por Davis, especialmente aqueles relacionados ao feminismo negro, para mostrar como o movimento feminista, em sua diversidade, não é reduzido apenas às lutas das mulheres brancas de classe média. Davis, com sua teoria interseccional, amplia o entendimento dos estudantes sobre as múltiplas dimensões da opressão e a necessidade de uma abordagem que reconheça as experiências distintas de mulheres de diferentes origens étnicas, classes sociais e orientações sexuais (Scott, 1991).

A presença dessas intelectuais no livro contribui para uma análise ampla e plural das questões de gênero, desafiando a visão tradicional que muitas vezes reduz a luta feminista a uma luta unicamente voltada para as mulheres brancas da classe média. A obra, ao dar voz a autoras como Beauvoir e Davis, promove um entendimento complexo sobre a desigualdade de gênero e suas intersecções com o racismo, o classismo e outras formas de opressão social. Esse enfoque é crucial para a construção de uma consciência crítica por parte dos estudantes, permitindo-lhes reconhecer a diversidade de perspectivas dentro do movimento feminista e a importância de uma abordagem inclusiva nas questões de gênero (Beauvoir, 1960).

Ademais, o livro não se limita a uma visão teórica sobre as autoras, mas também contextualiza suas ideias dentro dos movimentos sociais feministas que marcaram importantes transformações políticas e sociais. A obra reconhece esses movimentos como forças transformadoras da realidade social, destacando como as mobilizações de mulheres — desde o sufrágio feminino até as manifestações contemporâneas contra a violência doméstica e a luta por direitos reprodutivos — foram fundamentais para a conquista de direitos e para a alteração das estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero.

A menção a esses movimentos sociais feministas também se estende à análise das conquistas políticas e sociais obtidas por meio da ação coletiva. A obra examina o impacto de movimentos como o feminismo de segunda onda, que, no século XX, desafiou as normas

tradicionais de gênero e iniciou um processo de transformação nas leis, nos direitos civis e no reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres. Também são abordados os movimentos feministas recentes, que destacam a intersecção entre gênero, raça e classe, como o feminismo negro, o feminismo lésbico e o feminismo pós-colonial, expandindo a compreensão dos estudantes sobre as lutas feministas em um contexto global e contemporâneo.

A abordagem do livro não se limita apenas à celebração dos avanços feministas, mas também enfatiza as resistências e desafios enfrentados pelas mulheres ao longo da história. A obra destaca as dificuldades que ainda persistem na luta por igualdade de gênero, como a violência de gênero, a discriminação no mercado de trabalho e a sub-representação política, e faz uma conexão direta entre os movimentos feministas e as questões sociais atuais.

Entretanto, apesar do avanço da obra ao incluir a contribuição de autoras feministas e reconhecer a importância dos movimentos sociais feministas, ainda há espaço para uma maior profundidade na análise de como essas ideias foram aplicadas na prática e como elas influenciam as políticas públicas e as ações sociais atuais. A inclusão de estudos de caso ou de experiências locais, com base na atuação de movimentos feministas em diferentes contextos, poderia proporcionar uma compreensão concreta da teoria feminista e suas implicações no mundo real.

Nesta linha, a inclusão das intelectuais Simone de Beauvoir e Angela Davis, junto com a valorização dos movimentos feministas, é um passo importante para construir uma educação sociológica que valorize a diversidade de perspectivas e promova uma conscientização crítica sobre as questões de gênero. A obra é uma contribuição para a formação de estudantes reflexivos e engajados com as questões sociais, permitindo-lhes compreender a luta feminista como uma parte central na construção de uma sociedade igualitária (Beauvoir, 1960).

No livro *Sociologia em Movimento*, as representações visuais e textuais destacam-se por sua diversidade, oferecendo uma visão inclusiva e plural das mulheres e suas múltiplas experiências na sociedade. A escolha das imagens e exemplos textuais reflete um compromisso com a promoção de uma compreensão abrangente sobre as questões de gênero, rompendo com a lógica sexista tradicional que frequentemente limita a representação feminina a papéis domésticos e subalternos.

As imagens presentes na obra não reforçam apenas estereótipos de gênero, mas, ao contrário, apresentam as mulheres como protagonistas de lutas sociais e de transformações históricas. Por exemplo, são frequentes as ilustrações de mulheres em protestos e manifestações sociais, evidenciando sua atuação nas frentes de resistência contra diversas

formas de opressão. A escolha visual vai ao encontro de uma das propostas centrais do livro: destacar o papel ativo das mulheres nas mudanças sociais e políticas.

As representações visuais incluem mulheres em atividades profissionais que tradicionalmente foram associadas ao universo masculino, como cientistas, médicas, engenheiras, jornalistas e ativistas políticas. Ao mostrar essas imagens, o livro reflete a ideia de que as mulheres não devem ser reduzidas a papéis restritos, como o cuidado familiar ou a subordinação econômica, mas podem ocupar espaços de poder e influência em diversos setores da sociedade. O que contribui para a desconstrução de modelos sexistas e para a criação de um imaginário social inclusivo, onde as mulheres são vistas em sua plena capacidade de transformar a realidade (Louro, 2003).

O aspecto textual também é enriquecido por narrativas que ilustram as lutas das mulheres em diferentes contextos históricos e sociais. Ao invés de tratar a mulher como um ser passivo ou subordinado, os textos enfatizam sua participação ativa em movimentos sociais, como as lutas pelos direitos civis, pelos direitos reprodutivos e pela igualdade no mercado de trabalho. A obra se utiliza de exemplos históricos de mulheres que desempenharam papéis centrais em eventos e revoluções, ampliando a compreensão dos leitores sobre o impacto das mulheres nas dinâmicas sociais e políticas.

A inclusão de narrativas que mostram a diversidade de experiências femininas, com ênfase nas mulheres negras, indígenas e periféricas, que muitas vezes são marginalizadas ou invisibilizadas nos materiais didáticos tradicionais. Apresentando essas representações, o livro contribui para a construção de uma compreensão ampla sobre as desigualdades de gênero, que não são compreendidas sem levar em conta as dimensões de raça, classe social e etnia (Scott, 1991).

As representações textuais, por sua vez, exploram temas como a interseccionalidade, ou seja, como as opressões de gênero se cruzam com outras formas de discriminação, como o racismo e a desigualdade de classe. Essa abordagem é fundamental para ampliar a visão dos estudantes sobre a complexidade das relações sociais e as múltiplas dimensões das lutas feministas (Scott, 1991).

Apesar dessas melhorias, há sempre espaço para aprofundar ainda a diversidade nas representações visuais e textuais. Embora o livro apresente uma diversidade de imagens de mulheres em várias situações, a representação das mulheres em espaços de decisão política, como no governo ou em altos cargos executivos, ainda é limitada. Este é um campo que poderia ser explorado, trazendo exemplos de mulheres líderes em esferas de poder e decisão,

quebrando barreiras de gênero em áreas tradicionalmente dominadas por homens (Louro, 2003).

Neste sentido, seria interessante incluir uma maior variedade de representações sobre as diferentes identidades de gênero, incluindo a inclusão de pessoas trans e não-binárias nas representações de lutas sociais e atividades profissionais. O que não só ampliaria ainda a compreensão de gênero no contexto social, mas também contribuiria para a formação de uma mentalidade inclusiva entre os estudantes (Unesco, 2015).

No geral, as representações visuais e textuais no livro *Sociologia em Movimento* são progressivas e tentam refletir a complexidade das experiências das mulheres na sociedade contemporânea. Ao apresentar mulheres em diversas ocupações e lutas, e ao refletir sobre as interseccionalidades de gênero, raça e classe, a obra promove uma reflexão crítica que contribui para a formação de uma sociedade igualitária. Contudo, como qualquer material educacional, sempre há espaço para o aprofundamento e para a ampliação da diversidade nas representações, especialmente em relação ao poder político e às questões de identidade de gênero (Scott, 1991).

A obra *Sociologia em Movimento* propõe uma reflexão profunda sobre como as desigualdades de gênero, o machismo e a violência estrutural afetam a vida das mulheres em diversas esferas sociais. O livro vai além da simples apresentação de fatos e estatísticas, incentivando os estudantes a refletirem criticamente sobre a realidade social e as dinâmicas de poder que perpetuam as discriminações de gênero. Em vez de tratar essas questões apenas como desafios isolados, a obra as insere dentro de um contexto amplo de desigualdade social e histórica, abordando-as como questões estruturais que exigem uma mudança profunda nas instituições e nas práticas sociais.

Uma das principais propostas da obra é promover o protagonismo feminino como uma força essencial para a transformação social. O livro destaca o papel das mulheres nas lutas por direitos, sugerindo formas de agir para superar as barreiras do machismo, da violência e da discriminação. Ao incluir temas como feminismo, políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero e a importância da educação na desconstrução de estereótipos, a obra busca fomentar uma mudança de mentalidade nas futuras gerações, propondo que as novas gerações se engajem ativamente na construção de uma sociedade igualitária (Unesco, 2015).

Ao abordar a violência de gênero, por exemplo, o livro não se limita a expor as estatísticas alarmantes de feminicídios ou agressões, mas promove um debate sobre as raízes estruturais dessa violência. A obra sugere que a violência de gênero não é apenas um

problema individual, mas sim um reflexo de uma estrutura social que naturaliza a desigualdade entre os sexos e perpetua a subordinação das mulheres.

A obra sugere a importância da educação e da conscientização como ferramentas para a transformação social. A proposta é que a reflexão sobre o machismo e a desigualdade de gênero deve ser inserida no cotidiano dos estudantes, estimulando debates que ajudem a desconstruir normas patriarcais e sexistas. O livro visa empoderar as novas gerações, dando-lhes as ferramentas necessárias para que possam construir uma sociedade sem discriminação de gênero (Unesco, 2015).

Uma das maiores contribuições da obra é a forma como ela contextualiza a luta das mulheres dentro de um quadro amplo de luta por justiça social. Ao tratar a desigualdade de gênero como um dos pilares das injustiças sociais, o livro estabelece conexões com outras questões como desigualdade racial, pobreza e exclusão social. O que ajuda a ampliar a compreensão dos estudantes sobre como as questões de gênero se entrelaçam com outras formas de opressão e exploração, propondo uma visão interseccional e complexa da realidade social.

O livro também estimula a reflexão sobre as práticas de resistência e a importância do feminismo na luta por igualdade de direitos. As mulheres não são apenas retratadas como vítimas da opressão, mas como protagonistas que desafiam as normas sociais, reivindicando espaços de poder e respeito. O feminismo é apresentado não como uma luta isolada, mas como uma força política e social que busca transformar a sociedade como um todo. A obra, ao propiciar esse debate, está contribuindo para a formação de uma geração consciente e engajada com as questões de gênero e com o papel fundamental que as mulheres desempenham na construção de um mundo justo.

Portanto, o livro *Sociologia em Movimento* não se limita a descrever a realidade das mulheres, mas propõe um caminho de reflexão crítica e ação transformadora, enfatizando a importância do protagonismo feminino e a superação das desigualdades de gênero como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade igualitária e inclusiva.

3.3 Análise do livro: Moderna plus (Ciências humanas e sociais)

A obra *Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais* adota uma abordagem interdisciplinar que favorece a análise da questão de gênero sob várias perspectivas, como a histórica, geográfica, filosófica e sociológica, ao passo que torna o debate sociológico mais superficial. A integração é uma característica relevante para a compreensão da mulher no

contexto social brasileiro. A inclusão de discussões sobre violência de gênero, desigualdade racial e direitos humanos permite que os estudantes estabeleçam conexões entre as problemáticas sociais e as experiências vividas pelas mulheres. Dessa forma, o livro se propõe a contextualizar as questões femininas dentro de um cenário amplo, promovendo uma leitura crítica que não se restringe a estereótipos ou a abordagens simplistas (Moderna Plus, 2020)

O livro *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* foi publicado pela Editora Moderna e aprovado no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021, destinado ao Ensino Médio. A obra foi elaborada por uma equipe de autores composta por Afrânio Silva, Bruno Loureiro, Cássia Miranda, Fátima Ferreira, Lier Pires Ferreira, Lygia Terra, Marcela M. Serrano, Marcelo Araújo, Marcelo Costa, Maria Lúcia de Arruda Aranha, Martha Nogueira, Myriam Becho Mota, Otair Fernandes de Oliveira, Patrícia Ramos Braick, Paula Menezes, Raphael M. C. Corrêa, Raul Borges Guimarães, Regina Araújo, Rodrigo Pain, Rogério Lima, Tatiana Bukowitz, Thiago Esteves e Vinicius Mayo Pires. Desenvolvida em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a coleção visa promover uma formação ampla dos estudantes, valorizando a autonomia, o pensamento crítico e a articulação entre os componentes curriculares das Ciências Humanas e Sociais. A proposta pedagógica da obra inclui atividades diversificadas, como projetos interdisciplinares e análises de temas contemporâneos, buscando aproximar o conteúdo escolar da realidade dos alunos e fomentar a construção de conhecimento significativo.

A integração interdisciplinar também é evidenciada na maneira como o livro aborda o conceito de desigualdade de gênero. O debate sobre feminicídio e o impacto da violência doméstica, o material amplia a compreensão dos alunos sobre a opressão vivida pelas mulheres, tratando de questões de saúde, segurança e justiça. Tal abordagem permite que as temáticas relacionadas ao gênero sejam vistas não como assuntos isolados, mas como componentes de um sistema maior de desigualdades que permeiam diversas dimensões da vida social (Louro, 2003).

Incorporando a perspectiva histórica, o livro também consegue trazer à tona a trajetória de lutas das mulheres ao longo do tempo, desde as primeiras reivindicações feministas até as conquistas recentes. Embora essa abordagem tenha seu valor, ainda se observa uma certa limitação no tratamento das intersecções entre gênero, classe e raça, que poderiam ser exploradas. A inclusão de uma análise detalhada sobre como essas categorias interagem nas experiências das mulheres poderia proporcionar uma compreensão profunda sobre as desigualdades que ainda persistem (Unesco, 2015).

A obra ainda privilegia uma visão sociológica ampla, ao abordar questões como as transformações nas estruturas familiares e as mudanças nos papéis de gênero ao longo das últimas décadas. As discussões sociológicas sobre o impacto das políticas públicas e o papel das mulheres nas políticas sociais também são tratadas de forma a destacar a importância de ações concretas para a mudança das condições de vida das mulheres no Brasil (Scott, 1991).

Contudo, em algumas partes, a obra ainda peca pela ausência de uma reflexão profunda sobre as dimensões psicológicas e emocionais que envolvem a vivência das mulheres em contextos de desigualdade. Tratando a mulher apenas sob uma ótica social e econômica, o livro deixa de lado aspectos subjetivos importantes, como a autoestima e a identidade, que são fundamentais para a compreensão do impacto das desigualdades de gênero (Louro, 2003).

Abordando a questão de gênero de forma interdisciplinar, o Moderna Plus também se propõe a integrar a teoria com a prática, convidando os alunos a refletirem sobre suas próprias experiências e visões de mundo. O que é feito por meio de discussões de classe e da análise de contextos contemporâneos, como o empoderamento das mulheres nas mídias sociais e a participação política feminina. Esse aspecto prático é uma tentativa de aproximar os estudantes da realidade vivida pelas mulheres, especialmente as jovens, que podem se ver representadas em muitas das situações apresentadas (Moderna Plus, 2020).

Integra uma análise geográfica. O livro aborda como as desigualdades de gênero podem variar em diferentes regiões do Brasil. A descrição das condições de vida de mulheres em áreas urbanas e rurais, por exemplo, oferece um panorama de como as dificuldades são amplificadas por questões de acesso à educação, saúde e outros direitos sociais. Embora essa análise geográfica seja pertinente, poderia ser detalhada, considerando os diferentes contextos regionais e suas implicações para a mulher brasileira. Veja-se quadro 01:

Quadro 01 - Quadro comparativo entre os livros

Livro	Inclusão de Autoras	Temas de Gênero	Mulheres como Sujeitas Históricas	Abordagem Crítica
<i>Sociologia em Movimento</i>	Parcial	Ocasional	Moderada	Moderada
<i>Sociologia – Ensino Médio</i>	Rara	Quase ausente	Muito limitada	Tradicional
<i>Moderna Plus – Vol. 6</i>	Frequente	Presente e debatido	Ampla	Crítica e contemporânea

FONTE: dados da pesquisa (2025)

A inclusão de uma abordagem filosófica também é um ponto positivo do livro, ao tratar das questões de gênero a partir de correntes de pensamento que discutem a liberdade e a igualdade. Todavia, como já mencionado, a obra poderia se aprofundar nas teorias feministas, mencionando pensadoras e filósofas que contribuíram para a construção do pensamento contemporâneo sobre as questões de gênero.

No geral, a proposta interdisciplinar da obra é bem-sucedida, mas poderia ser abrangente, com um tratamento equitativo das várias dimensões que afetam a vida das mulheres, incluindo uma maior discussão sobre as questões interseccionais que envolvem gênero, classe social, etnia e orientação sexual. A interdisciplinaridade, portanto, é um aspecto positivo da obra, mas que poderia ser bem explorado e expandido

Ao analisar os três livros didáticos selecionados do PNLD 2018, percebe-se diferenças significativas quanto à representação das mulheres. O livro *Sociologia – Ensino Médio* apresenta a abordagem mais limitada, com escassa menção a figuras femininas e praticamente nenhuma discussão aprofundada sobre questões de gênero, refletindo uma perspectiva tradicional e androcêntrica da disciplina. Já *Sociologia em Movimento* oferece alguns avanços ao incluir referências pontuais a mulheres relevantes na história e na sociologia, embora ainda de forma periférica e sem grande aprofundamento crítico. Em contraste, o livro *Moderna Plus – Ciências Sociais e Aplicadas: Conflitos e Desigualdades – Vol. 6* se destaca por adotar uma abordagem mais contemporânea e sensível às questões sociais, incorporando debates sobre desigualdade de gênero e representando as mulheres como sujeitas ativas na construção da sociedade. A presença de quadros comparativos e discussões mais críticas nesse último material evidencia um esforço pedagógico em promover maior equidade de gênero e ampliar a visibilidade das contribuições femininas.

A coleção Moderna Plus destaca-se pela abordagem de temas extremamente contemporâneos e relevantes para a compreensão das desigualdades de gênero no Brasil. A obra discute com profundidade questões como o feminicídio, a violência doméstica e as políticas afirmativas voltadas para as mulheres. O debate sobre feminicídio, por exemplo, é tratado com seriedade, contextualizando o fenômeno dentro de uma lógica estrutural que envolve a cultura patriarcal e a impunidade. A inclusão deste tema revela a tentativa de compreender a realidade vivida pelas mulheres de maneira crítica, relacionando as discussões à violência sistemática que atinge as mulheres em diferentes esferas da sociedade (Moderna Plus, 2020).

A obra também aborda as políticas públicas voltadas para as mulheres, com destaque para as políticas afirmativas, que são analisadas em um contexto social e político amplo. A

inclusão das políticas de ação afirmativa para as mulheres negras e as ações voltadas para a igualdade no mercado de trabalho são apresentadas como medidas essenciais para a redução das desigualdades de gênero. A discussão sobre essas políticas é importante, pois permite aos alunos compreender como a implementação de ações públicas pode alterar, de fato, as condições de vida das mulheres e promover um acesso igualitário a direitos básicos, como a educação e o trabalho.

Trazendo uma análise sobre como as questões de gênero afetam as jovens brasileiras, destacando sua inserção no mercado de trabalho, a educação e as suas relações familiares e sociais. A inclusão desses temas garante uma maior identificação com a realidade das novas gerações e fortalece o papel da educação como ferramenta de transformação social. A partir dessa perspectiva, o livro sugere que os jovens se tornem agentes de mudança, ampliando sua compreensão sobre o papel das mulheres e a importância da igualdade de gênero.

Contudo, apesar dos avanços, a obra poderia incorporar uma análise crítica sobre o papel do Estado na perpetuação das desigualdades de gênero. Embora o livro discuta políticas públicas, faltam reflexões profundas sobre as falhas dessas políticas e o papel da mídia e das instituições educacionais na manutenção dos estereótipos de gênero. A obra, ao tratar da atualidade, poderia também abordar a maneira como o conservadorismo e as ideologias de gênero estão ganhando força na sociedade brasileira, retrocedendo alguns avanços conquistados ao longo dos anos.

Em termos de repertório, o livro apresenta uma variedade de fontes, incluindo dados estatísticos, reportagens e análises de sociólogos contemporâneos, mas poderia ampliar o uso de fontes feministas, que oferecem uma visão crítica sobre as relações de gênero. Deste modo, embora o livro traga temas muito atuais, como a participação das mulheres na política e o movimento #MeToo, faltam discussões aprofundadas sobre as novas formas de violência contra a mulher, como o assédio digital e as práticas de vigilância nos ambientes online.

De maneira geral, a obra se esforça para trazer uma visão diversificada dos temas e para refletir sobre as questões de gênero no contexto atual. Contudo, poderia enriquecer ainda as discussões ao integrar uma maior diversidade de perspectivas e fontes, permitindo aos estudantes uma compreensão ampla das problemáticas femininas no Brasil e no mundo (Moderna Plus, 2020).

A coleção Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais adota uma abordagem que privilegia a pluralidade de representações das mulheres, destacando sua diversidade racial, regional e social. Tal estratégia é fundamental para promover uma educação inclusiva, que reflita a pluralidade de experiências vividas pelas mulheres no Brasil. Apresentando imagens

e exemplos com mulheres negras, indígenas, periféricas e jovens em contextos diversos, o material contribui para uma leitura crítica e menos estereotipada da realidade feminina (Moderna Plus, 2020).

Uma das principais inovações da obra é a representação de mulheres negras em papéis sociais que rompem com a lógica tradicional de subordinação e marginalização. As imagens de mulheres negras atuando em diferentes espaços sociais, como no mercado de trabalho, na política e em movimentos sociais, desafiam os estereótipos frequentemente associados a esse grupo. As mulheres negras, por muito tempo invisibilizadas nas narrativas históricas e sociais, agora ganham visibilidade em contextos que destacam sua resistência, sua força e suas contribuições para a sociedade. O que é particularmente relevante, pois ajuda a desconstruir a ideia de que as mulheres negras estão limitadas a papéis tradicionais ou subordinados.

O material busca também representar as mulheres indígenas, grupo que frequentemente é marginalizado nas produções culturais e educacionais brasileiras. As mulheres indígenas, assim como as negras, têm suas histórias e lutas pouco reconhecidas. Essa representação é um passo importante para sensibilizar os estudantes sobre as questões indígenas, especialmente no que diz respeito ao acesso a direitos básicos como saúde, educação e território, e para destacar o papel dessas mulheres na preservação de suas tradições culturais.

As mulheres periféricas também são amplamente representadas na obra. Elas são mostradas em diferentes contextos, como no ambiente de trabalho, no exercício de sua cidadania, nas lutas sociais e nas comunidades em que vivem. As imagens de mulheres periféricas são importantes porque muitas vezes essas mulheres são retratadas de maneira unidimensional, limitadas à pobreza e à marginalização. A obra, ao incluir essas mulheres em uma variedade de papéis e situações, ajuda a complexificar a visão que se tem sobre as mulheres das periferias, reconhecendo suas múltiplas dimensões e suas lutas por igualdade de direitos (Louro, 2003).

As jovens também recebem destaque na obra, sendo retratadas em contextos que abrangem a política, a educação e o mercado de trabalho. As mulheres jovens, especialmente aquelas de grupos marginalizados, enfrentam desafios específicos relacionados à desigualdade de gênero, raça e classe. A obra, ao incluir essas mulheres em diversas situações, permite que os estudantes compreendam as especificidades da juventude feminina no Brasil, suas aspirações, dificuldades e as possibilidades de transformação social que surgem a partir de suas ações.

A diversidade regional também é abordada na obra, embora de forma superficial em alguns pontos. O livro busca representar as mulheres de diferentes regiões do Brasil, destacando suas realidades específicas. As mulheres do Nordeste, por exemplo, são retratadas como enfrentando desafios relacionados ao acesso a serviços básicos e à pobreza, mas também são mostradas como protagonistas na luta por seus direitos e na preservação de suas culturas regionais. A obra poderia se aprofundar ainda nas especificidades regionais, incluindo exemplos de mulheres rurais e da Amazônia, por exemplo, que enfrentam desafios particulares devido à falta de infraestrutura e ao isolamento geográfico (Unesco, 2015).

Apesar dos avanços na representação das mulheres de diferentes grupos sociais e étnicos, é importante ressaltar que a obra ainda possui limitações em termos de profundidade nas representações de algumas realidades. A visibilidade das mulheres brancas e de classe média continua predominante em algumas partes do livro, especialmente em contextos que tratam de temas como educação e mercado de trabalho. Embora a obra busque ser inclusiva, o material poderia dar maior destaque a mulheres brancas de áreas periféricas ou em situações de vulnerabilidade social, para evitar uma visão reducionista e elitista da questão de gênero.

A obra poderia expandir ainda sua representação de mulheres trans e não binárias, grupos que são frequentemente excluídos das discussões sobre gênero e que enfrentam formas específicas de violência e discriminação. A inclusão de representações de mulheres trans, por exemplo, poderia enriquecer o debate sobre a diversidade de experiências de gênero e ampliar a compreensão dos estudantes sobre as diferentes formas de identidade e expressão de gênero que existem na sociedade.

De forma geral, a obra Moderna Plus apresenta um importante avanço no que diz respeito à pluralidade de representações de mulheres, ao incluir uma diversidade de experiências, identidades e contextos. Porém, ainda há espaço para que essa pluralidade seja aprofundada, considerando uma maior diversidade de experiências, incluindo as vividas por mulheres trans e por mulheres em situações de vulnerabilidade social. A inclusão de representações variadas é essencial para a construção de uma sociedade igualitária, na qual todas as mulheres, independentemente de sua etnia, classe ou identidade de gênero, tenham seus direitos reconhecidos e respeitados.

A coleção Moderna Plus: Ciências Humanas e Sociais adota uma abordagem crítica e reflexiva que incentiva os estudantes a pensar em projetos de vida alinhados com valores éticos e de justiça social.

A abordagem crítica proposta pelo livro vai além da simples conscientização sobre as desigualdades de gênero. Ela propõe que os estudantes se envolvam ativamente na construção

de um futuro justo, onde as mulheres possam exercer seus direitos de forma plena e efetiva. Ao destacar o papel das mulheres na luta pelos direitos civis, no enfrentamento da violência de gênero, na conquista de acesso à educação e ao trabalho, e na transformação das estruturas de poder, a obra instiga os jovens a refletirem sobre suas próprias ações e escolhas, incentivando-os a se comprometerem com projetos de vida que busquem a promoção da igualdade de gênero e o respeito aos direitos humanos (Unesco, 2015).

O livro aborda as dificuldades estruturais que as mulheres enfrentam no Brasil, incluindo questões como o feminicídio, a violência doméstica e a desigualdade no acesso ao mercado de trabalho. A figura da mulher como agente de transformação social, a obra sugere que o compromisso com a justiça social e a igualdade de gênero não deve se limitar ao campo das ideias, mas deve ser traduzido em ações concretas que impactem a realidade das mulheres.

O incentivo a projetos de vida alinhados com valores de justiça social e igualdade de gênero também implica uma reflexão sobre o papel das mulheres nos espaços de poder e liderança. A obra busca mostrar que as mulheres não são apenas vítimas das desigualdades, mas também têm o poder de modificar as estruturas que perpetuam essas desigualdades. O livro reforça a ideia de que a luta das mulheres não é uma luta isolada, mas um movimento que envolve toda a sociedade, e que a transformação das estruturas de poder é essencial para alcançar a verdadeira igualdade de gênero.

Esse incentivo a uma abordagem crítica e transformadora também se reflete no tratamento de questões relacionadas à educação, saúde, política e economia. O projeto de vida, portanto, é visto como uma ferramenta para promover mudanças sociais, e a luta das mulheres é apresentada como um dos motores dessa transformação.

A obra também propõe uma reflexão sobre o papel da educação no processo de emancipação das mulheres. O livro mostra como o acesso igualitário à educação pode capacitar as mulheres para que se tornem agentes de transformação em suas próprias vidas e nas comunidades em que vivem. A partir dessa perspectiva, a formação crítica dos estudantes não se limita ao aprendizado de conteúdos, mas se expande para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a justiça social.

Ao refletir sobre os projetos de vida das mulheres, a obra também aborda o papel das políticas públicas na promoção da igualdade de gênero. A discussão sobre a implementação de políticas afirmativas, como as cotas para mulheres em cargos públicos e a luta por direitos reprodutivos e de saúde, é inserida no contexto de um projeto de sociedade equitativa. A abordagem crítica enfatiza a necessidade de políticas públicas que garantam os direitos das mulheres e promovam sua plena participação na vida social, política e econômica.

O material também destaca a importância do ativismo feminino na conquista de direitos e na mudança das estruturas de poder. As mulheres que atuam em movimentos sociais, como as feministas, as ativistas negras e as indígenas, são apresentadas como exemplos de liderança e resistência. Ao inserir essas figuras como modelos de ação, a obra busca inspirar os estudantes a se engajarem ativamente na luta por direitos, propondo que os jovens não sejam apenas observadores passivos, mas agentes ativos na transformação de sua realidade (Scott, 1991).

A inclusão de mulheres em diversas lutas sociais, políticas e culturais, como as questões de direitos humanos e de acesso à justiça, reforça a ideia de que as mulheres são fundamentais para a construção de um futuro igualitário. Incentivando os estudantes a refletirem sobre seus próprios projetos de vida e a se envolverem em ações que promovam a igualdade de gênero e os direitos das mulheres, o Moderna Plus não só educa, mas também motiva os jovens a serem parte de um movimento social transformador (Unesco, 2015).

Assim, a abordagem crítica da obra Moderna Plus não se limita à análise das desigualdades, mas amplia o debate para a construção de um futuro justo e igualitário, com as mulheres como protagonistas dessa transformação. Propondo projetos de vida éticos e comprometidos com a justiça social, o livro contribui para a formação de uma geração de jovens conscientes, solidários e dispostos a agir para combater as desigualdades de gênero e promover a emancipação das mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da representação das mulheres nos livros didáticos de Sociologia revelou avanços significativos no tratamento da questão de gênero, mas também evidenciou desafios ainda persistentes. A partir da investigação das obras *Sociologia – Ciências Sociais* (Scipione), *Sociologia em Movimento* (Moderna) e *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais* (Moderna), constatou-se que há um esforço crescente por parte dos autores e editoras em integrar uma perspectiva crítica, inclusiva e plural nas abordagens sociológicas voltadas ao ensino médio

Nos livros didáticos analisados, as representações sociais acerca da mulher variam entre a invisibilidade e uma tentativa de valorização crítica. Em *Sociologia – Ensino Médio*, a mulher aparece de forma marginal, geralmente ausente dos conteúdos centrais, o que reforça estereótipos tradicionais e limita sua presença como agente histórica. Em *Sociologia em Movimento*, há um esforço moderado de inseri-la em determinados contextos sociais, embora ainda de maneira secundária e sem aprofundar os debates sobre desigualdade de gênero. Já em *Moderna Plus – Ciências Sociais e Aplicadas: Conflitos e Desigualdades – Vol. 6*, observa-se uma representação mais ativa e crítica, que apresenta a mulher como protagonista em lutas sociais e políticas, abordando as desigualdades de forma mais explícita e com maior sensibilidade às questões de gênero. Essas variações revelam o quanto o currículo ainda está em processo de transformação no que diz respeito à inclusão efetiva das mulheres como sujeitos sociais plenos.

Os materiais analisados demonstraram abertura ao debate sobre desigualdade de gênero, feminismo, violência contra a mulher e protagonismo feminino, indo além da simples menção a autoras ou figuras históricas. Algumas coleções, como *Sociologia em Movimento* e *Moderna Plus*, se destacaram por inserir autoras como Simone de Beauvoir e Angela Davis, por valorizar movimentos feministas e por apresentar imagens e textos que rompem com estereótipos de gênero. Além disso, promoveram o diálogo interdisciplinar e incentivaram a reflexão crítica dos estudantes sobre a realidade social das mulheres brasileiras.

Contudo, ainda que se observe uma tendência positiva, certas limitações persistem, como a presença de abordagens superficiais ou pontuais, a predominância de autores homens na base teórica e a escassez de atividades pedagógicas que promovam o protagonismo das estudantes nas discussões de gênero. Também foi identificado que, em alguns casos, a representação das mulheres ainda está restrita a papéis tradicionais ou ilustrativos, sem uma problematização mais profunda das estruturas sociais que sustentam a desigualdade de gênero.

Nesse sentido, a pesquisa reafirma a importância de uma abordagem crítica e transformadora nos materiais didáticos, que contemple a diversidade das experiências femininas em termos de raça, classe, território e geração. A presença de mulheres negras, indígenas, periféricas e jovens em diferentes contextos sociais é fundamental para promover uma educação mais representativa e democrática.

Conclui-se, portanto, que os livros didáticos de Sociologia analisados caminham no sentido de ampliar a equidade de gênero, mas ainda demandam revisões e atualizações contínuas para garantir que a formação cidadã dos estudantes esteja alinhada com os valores de justiça social, igualdade e respeito às diferenças. A escola, ao lado do livro didático, deve cumprir seu papel político e pedagógico de desconstruir padrões excludentes e de contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

- ALATAS, Syed Farid e SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. 2023. São Paulo: Editora Funilaria.
- ALCÂNTARA, Fernanda H. C. **Harriet Martineau (1802-1876): a analista social que inaugurou a Sociologia**. Estudos Iberoamericanos, Porto Alegre, v. 47, n. 03, p. 01-17, 2022.
- ARAÚJO, S. M. de; BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. **Sociologia: volume único: ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/bncc>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Sociologia: manual do professor: Ensino Médio**. Obra aprovada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). São Paulo: Moderna, 2018.
- BURAWOY, Michael. **Why is classical theory classical? Theorizing the canon and cannonizing Du Bois**. Journal of Classical Sociology, Londres, v. 21, n. 3-4, p. 1-15.2021.
- CARVALHO, Layla Pedreira e Stefan, KLEIN. Contribuições para o ensino de teoria e história da sociologia: reflexões sobre o presente e propostas desde o Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 27, p. 103-132, 2023.
- COSTA, Cristina. **Diálogo com a Sociologia**. São Paulo: Moderna, 2013.
- DAFLON, Verônica Toste e CAMPOS, Ribeiro Luna. **Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX**. 2022. Niterói: Eduff.
- DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila (Orgs.). **Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBIA, Eliana. **Notas sobre violencia de género y enseñanza de la sociología clásica en la universidad nacionales públicas argentinas**. De Prácticas y discursos. Cuadernos de Ciencias Sociales, Resistencia, v. 8, n. 12, p. 287-307, 2019.
- DUFOIX, Stéphane. **A larger grain of sense: making early nonWestern sociological thought visible**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 37, n. 3, 2022, p. 861-884, 2022.
- FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2017. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz&Terra.

GRÜNING, Barbara e SANTORO, Marco. **Is there a canon in this class?**, *International Review of Sociology*, Roma, v.31, n.1, p.7-25, 2021.

GÜERECA TORRES, Raquel. **Claves para una sociología feminista**. In: Blazquez Graf, Norma y Castañeda Salgado Martha Patricia (coords.) *Lecturas críticas en investigación feminista*. México: UNAM, 2016. p. -123.

HOLZHAUSER, Nicole. Quantifying the exclusionary process of canonisation, or How to become a classic of the social sciences. *International Review of Sociology*, London, v. 31, n.1, p. 97–122, 2021.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luíza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LENGERMANN, Patricia M. y NIEBRUGGE, Gillian. **Fundadoras de la sociología y la teoría social 1830-1930**. 2019. Madrid: CIS.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACKINNON, Catherine. **Feminismo inmodificado: discursos sobre la vida y el derecho**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

MAIA, João. Ensinando a partir do Sul: novos diálogos entre a História da Sociologia e a Teoria Sociológica (introdução). *Revista Brasileira de Sociologia*, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 27, p. 5-22, 2023.

MODERNA PLUS. **Ciências Humanas e Sociais: ensino médio – volume único**. São Paulo: Moderna, 2021.

OLIVEIRA, Amurabi. Ampliando os clássicos da Sociologia a partir de Ibn Khaldun (1332-1406). *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 11, n. 27, p. 81-102, 2023.

PINHEIRO, Patrícia Aparecida Ferreira; RENK, Valquiria Elita. **A representação das mulheres nos livros didáticos de sociologia**. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTANA, Selena Aldana. **La historia de la Sociología: si no te la contaron violeta, no te la contaron completa**. *Acta Sociológica*, México, n. 81, p. 59-95, 2020.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1991.

UNESCO. **Educação para a igualdade de gênero: guia para educadoras e educadores**. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

ANEXOS

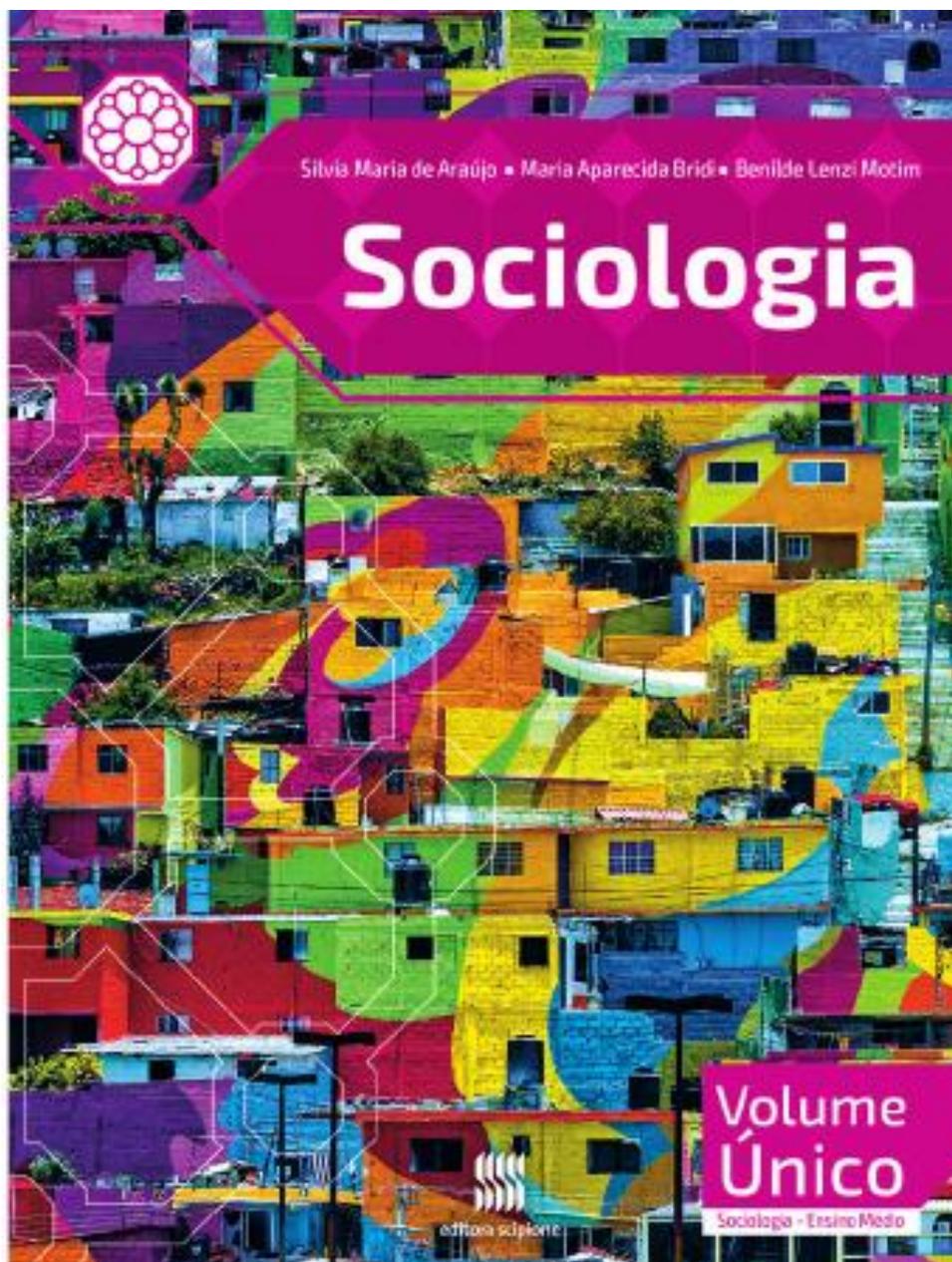


FIGURA 1: Capa do livro *Sociologia – Ciências Sociais* (Editora Scipione) ARAÚJO, S. M. de; BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. **Sociologia**: volume único: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2016.

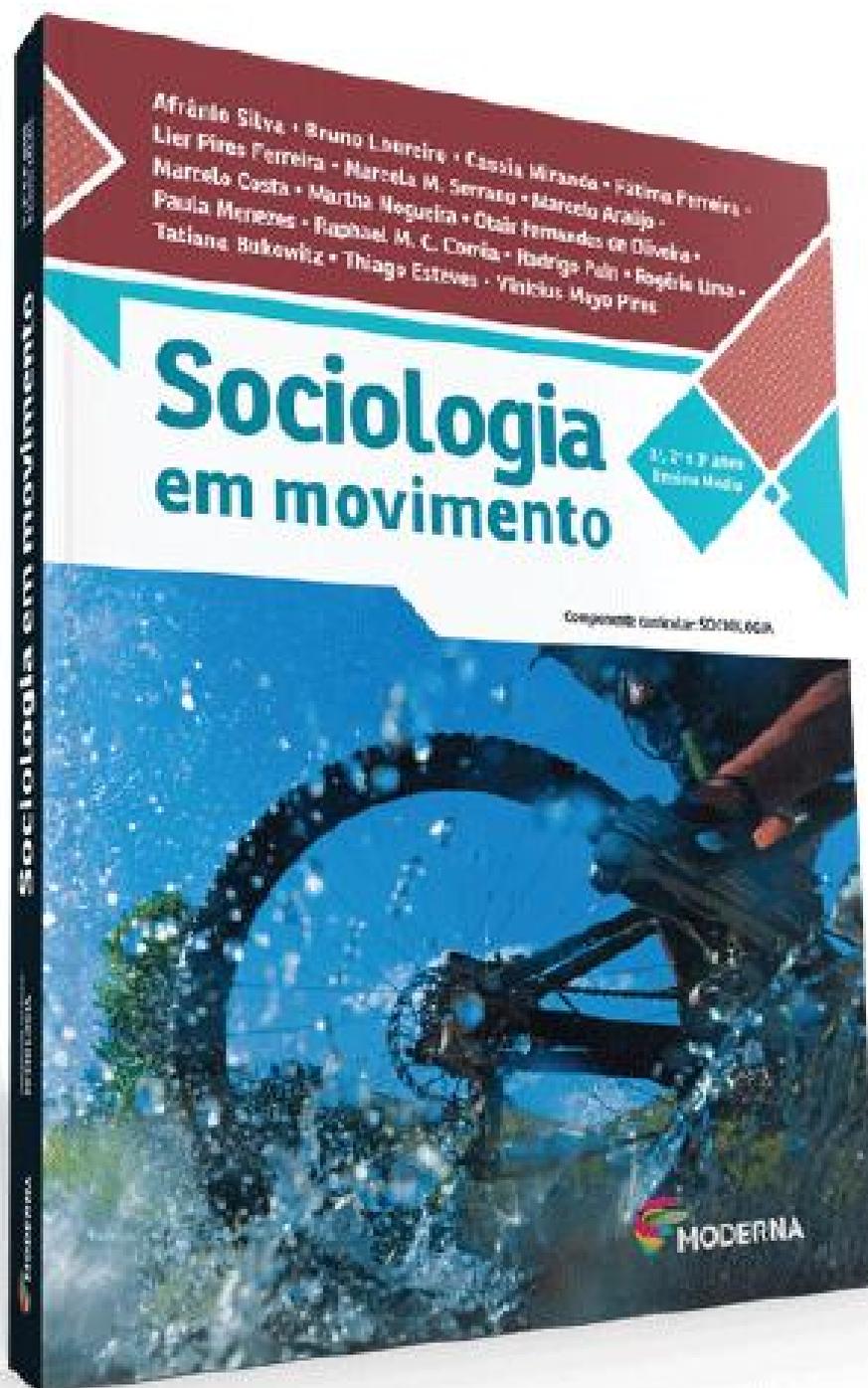


FIGURA 2: Capa do livro *Sociologia em Movimento* (Editora Moderna) BRASIL. Ministério da Educação. **Sociologia**: manual do professor: Ensino Médio. Obra aprovada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). São Paulo: Moderna, 2018.



FIGURA 3: Capa do livro *Moderna Plus – Ciências Humanas e Sociais* (Editora Moderna). MODERNA PLUS. **Ciências Humanas e Sociais**: ensino médio – volume único. São Paulo: Moderna, 2021.